

FACULDADES INTEGRADAS HÉLIO ALONSO
CURSO DE JORNALISMO

Luiz Augusto dos Santos Moura

PREGUINHO, UM CORAÇÃO TRICOLOR

Rio de Janeiro

2016

Luiz Augusto dos Santos Moura

PREGUINHO, UM CORAÇÃO TRICOLOR

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Jornalismo das Faculdades Integradas Hélio Alonso, como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Comunicação Social, sob orientação do Prof. Me. Geraldo Márcio Peres Mainenti.

Rio de Janeiro

2016

PREGUINHO, UM CORAÇÃO TRICOLOR

Luiz Augusto dos Santos Moura

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Jornalismo das Faculdades Integradas Hélio Alonso, como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Comunicação Social, submetida à aprovação da seguinte Banca Examinadora:

Prof. Orientador Geraldo Mainenti

Membro da Banca

Membro da Banca

Data da Defesa: ___ / ___ / ___

Nota da Defesa: _____

Rio de Janeiro

2016

A meus pais, Nazaré dos Santos Moura e Augusto Alves de Moura, in memoriam, minha irmã, Ana Maria dos Santos Moura, idem, que gostariam de presenciar mais esta etapa vencida.

Agradeço à minha esposa, Maria do Carmo, e ao meu filho Vinícius Vilhena, pela doação do tempo necessário à minha graduação e a elaboração deste trabalho, bem como, pela compreensão à dedicação total aos períodos de prova.

“Eu nem sabia falar direito e o Fluminense já estava em minha alma, em meu coração e em meu corpo.”

Preguinho

RESUMO

O personagem pesquisado neste trabalho, João Coelho Netto, o Pregoíinho, foi considerado um atleta completo. Disputou oito modalidades de esporte pelo Fluminense, a saber: Atletismo, Basquete, Futebol, Hóquei, Nataçãõ, Polo Aquático, Vôlei e Saltos Ornamentais. Pregoíinho é tido como o maior símbolo da história esportiva do Fluminense. A pesquisa, em que buscou-se as origens do atleta - nascimento, filiação, ingresso no clube, etc. - encerra-se com o falecimento dele em 1979. Pôde-se constatar que Pregoíinho era um ser humano simples e obstinado, que dedicou sua vida ao clube do coração e mostrou uma grande capacidade de adaptação aos mais variados esportes. Destaca-se ainda em sua história o fato de sempre ter-se recusado a receber dinheiro do clube, mesmo em funções administrativas, permanecendo como amador após a profissionalização do futebol. Por meio de pesquisa bibliográfica, documental e de campo, buscou-se contar a história desse marcante futebolista carioca. Os registros, as entrevistas e os artigos consultados demonstraram a retidão, a humildade e o desprendimento de Pregoíinho, o jogador que marcou o primeiro gol brasileiro em copas do mundo e foi o primeiro artilheiro da seleção brasileira.

Palavras-chave: João Coelho Netto. Pregoíinho. Fluminense. Futebol brasileiro. Multiatleta.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	09
2 O PERSONAGEM	10
2.1 A Origem	10
2.2 Coelho Netto, o Pai	11
2.3 Os quatro irmãos	16
3 A HISTÓRIA DE UM ÍDOLO	18
3.1 O Atleta do Século	18
3.2 Preguinho, uma vida pelo Fluminense	23
3.3 A maior tristeza de Preguinho	26
3.4 A Veia Poética	28
4 O FLUMINENSE FOOTBALL CLUB, A PAIXÃO DE PREGUINHO	30
4.1 O Futebol no Brasil, antes do Fluminense	30
4.2 Surge o Fluminense Football Club	31
4.3 Oscar Cox e os fundadores do Fluminense.....	32
4.4 Os Hinos do Fluminense e do Curupaity	38
5 O RIO ANTIGO DO FLUMINENSE E DE PREGUINHO	40
5.1 La Belle Époque	40
6 CRONOLOGIA	51

7 CONCLUSÃO	55
REFERÊNCIAS	56
LISTA DE FIGURAS	60
LISTA DE TABELAS	61
ANEXOS	62

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho aborda a vida e a carreira do esportista e multiatleta carioca João Coelho Netto, conhecido como Preguinho.

Nascido em 08 de fevereiro de 1905, passou toda a vida e carreira no Fluminense. Pretende-se, com a pesquisa, encontrar elementos históricos que comprovem ser Preguinho o maior símbolo esportivo do “Tricolor das Laranjeiras”.

No capítulo 2, O Personagem, procurou-se mostrar a vida pessoal de Preguinho: a relação com a família, especialmente com o pai, o escritor Coelho Netto, grande incentivador da prática de esportes pelos filhos; a sua origem e o início no Fluminense.

No capítulo seguinte, abordou-se os feitos do multiatleta Preguinho: suas conquistas, a passagem pela seleção brasileira; o que foi dito e publicado a respeito dele; e o fato que marcou tristemente sua vida, a morte do seu irmão mais velho, Emmanuel, o Mano.

No capítulo 4, pesquisou-se a história do Fluminense Football Club, a fundação do clube tricolor por Oscar Cox e um grupo de amigos; e o início do futebol no Brasil.

No capítulo 5, para contextualização histórica, a pesquisa concentrou-se no Rio antigo, à época da criação do Fluminense, e do crescimento da cidade, capital federal.

Procurou-se delimitar a pesquisa no tempo, do fim dos anos 1800, com a vinda para o Rio da família de Preguinho, o nascimento dele, em 1905, a fundação do Fluminense, em 1902, concluindo-se a pesquisa em 1979, com a morte do personagem.

Na internet, encontrou-se os dados iniciais para posterior aprofundamento da pesquisa, com acesso aos sites de Fluminense Football Club, Revista Placar, Uol, O Globo, Globoesporte, Terra, entre outros.

A pesquisa bibliográfica e documental complementou-se, com buscas em bibliotecas, o Flu Memória - que armazena a história do clube -, a Biblioteca Nacional, a Hemeroteca, livros, revistas e artigos jornalísticos, históricos e acadêmicos.

A pesquisa de campo deu-se através de uma entrevista com o jornalista e pesquisador Argeu Afonso, profundo conhecedor da vida de Preguinho e da história do Fluminense.

2 O PERSONAGEM

Neste capítulo, pesquisou-se a história de João Coelho Netto, o Preguinho; a relação dele com a família, em especial com o pai, o escritor Coelho Netto, grande incentivador da prática de esportes pelos filhos; sua origem e o início no Fluminense.



Figura 1 Preguinho, a lenda tricolor
Fonte: wikipedia¹

2.1 A Origem

Os pais de Preguinho foram Maria Gabriela Brandão Coelho Netto, a dona Gaby, e Henrique Maximiano Coelho Netto, um escritor maranhense contemporâneo de Machado de Assis. De acordo com Waldir Barbosa Júnior (2013, pág. 19), Preguinho nasceu no dia 8 de fevereiro de 1905, em Laranjeiras, um bairro aristocrático da zona sul do Rio de Janeiro, no número 79 da antiga Rua do Roso, que mais tarde passou a ser chamada de Rua Coelho Netto, em homenagem ao pai de Preguinho. O escritor Coelho Netto, em votação popular realizada em 1928 pela revista O Malho, uma famosa revista da época, foi eleito Príncipe dos prosadores brasileiros.

Preguinho foi o décimo-segundo filho dos 14 que o casal teve. Diversas enfermidades comuns àquele período fizeram com que apenas sete permanecessem vivos. O casal Coelho Netto, em busca de uma maneira de fortalecê-los contra as mazelas, levou todos

1 Acessível em < <https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/4/4e/Preguinho.jpg> >

os filhos ao Fluminense para praticar esportes. Preguinho foi o que mais se distinguiu, praticando futebol, atletismo, natação, polo-aquático, basquete, voleibol e tudo que lhe aparecesse pela frente. (ALBERTO, 1979, pág. 11).

A infância de Preguinho foi como a da maioria das crianças, a não ser pelo fato de ser o mais franzino da turma. Mesmo assim, era saudável e, juntamente com os irmãos e amigos, aprontava bastante. Em entrevista ao jornalista José Paulo Kupfer, (1969, p. 25), Preguinho contou que em uma dessas brincadeiras, na Praia do Flamengo, foi atirado na água, tendo afundado diversas vezes tal qual um prego. Conseguiu nadar e chegar até a areia com muito sacrifício e esgotado fisicamente.

Meu apelido apareceu quando eu ainda não tinha cinco anos. O Mano (Emmanuel Coelho Netto, seu irmão) me jogava na água da praia do Flamengo e eu afundava. Diziam que eu nadava como um prego. Mesmo depois, quando fui campeão carioca e brasileiro de natação o apelido não me deixou. (idem)

Desse episódio, portanto, nasceu o apelido. Primeiro Prego, depois Preguinho, que o acompanhou a vida inteira e que não se tem notícia de que tenha lutado contra ele.

O autor da traquinagem de atirar o jovem João na água, com menos de cinco anos, seu irmão Mano, Emanuel Coelho Netto, jogou com ele no Fluminense. Mano teve morte prematura aos 24 anos, ao ser atingido violentamente por um adversário em um jogo contra o São Cristóvão, pelo campeonato carioca². (ibidem)

No ano de 1916, com 11 anos, Preguinho e seu irmão Paulo ingressaram no Fluminense. Foi o início da consolidação da família Coelho Netto nos esportes. Seus irmãos Emmanuel, o Mano, e Georges haviam ingressado um ano antes; o primeiro já formava uma linha de ataque muito respeitada, com Zezé, Welfare, Machado e Bacchi. Caminhavam para a inédita conquista do tricampeonato no período 1917/18/19. A educação dada pelos pais havia desenvolvido uma aptidão natural para a vida esportiva, que Preguinho cultivou por mais de vinte anos. No ano de estreia, Preguinho tornou-se campeão infantil pelo clube na posição de centroavante e, aos vinte anos, já atuava entre os titulares. (BARBOSA, 2013, pág. 39).

2.2 Coelho Netto, o Pai

O escritor Henrique Maximiano Coelho Netto, pai de Preguinho, nasceu em 21 de fevereiro de 1864, na cidade de Caxias, no Maranhão e faleceu em 28 de novembro de 1934,

2 Acessível em <www.fluminense.com.br>

no Rio de Janeiro, aos 70 anos. Coelho Netto, como ficou conhecido, foi um escritor que exercitou seus dons literários em variados estilos. Foi cronista, romancista, crítico literário e político, além de teatrólogo. Foi ao lado do escritor Lúcio de Mendonça, criador da Academia Brasileira de Letras, sentando-se na cadeira número dois. (NETTO, 1964, pág. 2-3)



Figura 2 Selo comemorativo ao Centenário de nascimento do escritor Coelho Netto
Fonte: wikipedia³

Considerado o Príncipe dos Prosadores Brasileiros, em votação popular realizada em 1928, pela revista O Malho, ainda assim, foi combatido pelos modernistas, notadamente, o escritor Lima Barreto, sendo pouco lido desde então, sofrendo um verdadeiro ostracismo intelectual e literário. Nas palavras do acadêmico Arnaldo Niskier, em texto lido na Academia Brasileira de Letras, em maio de 2015, pode-se ter uma amostra dos ataques:

Sua obra foi diversificada, o que contribuiu para a crítica dos invejosos. Escreveu romances, contos, crônicas, teatro, poesia, memórias, conferências, antologias e livros didáticos. Segundo Afrânio Coutinho, na sua apreciada Enciclopédia de Literatura Brasileira, editada pelo MEC, em 1990, “o modernismo condenou-o como representante do passadismo, acusado de afetação, palavreado rebuscado e enfático, abuso de termos incomuns, prolixidade e helenismo.” (NISKIER, 2015)

3 Acessível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Coelho_Neto_1964_Brazil_stamp.jpg>

Os pais do escritor Coelho Netto foram o português Antônio Fonseca Coelho com a índia civilizada Ana Silvestre Coelho, que saíram do Maranhão para o Rio de Janeiro quando o filho contava apenas seis anos de idade. De acordo com Paulo Coelho Netto (1964, pág. 2-3), o escritor realizou no Colégio Pedro II os cursos preparatórios para ingressar na Faculdade de Medicina, que abandonou logo em seguida, matriculando-se em 1883 na Faculdade de Direito de São Paulo.

No curso de Direito, Coelho Netto envolveu-se em um movimento de alunos contra um professor e, para evitar represálias, transferiu-se para a faculdade do Recife e ali concluiu o primeiro ano, tendo por principal mestre Tobias Barreto. Depois, voltou a São Paulo e logo participou de movimentos abolicionistas e republicanos, entrando mais uma vez em choque com os professores, não chegando a concluir o curso. Voltou em 1885 para o Rio de Janeiro onde, ao lado de escritores como Olavo Bilac, Luís Murat, Guimarães Passos e Paula Ney, formou um grupo cujas experiências exerceram forte influência em sua vida e desenvolvido suas tendências para a literatura e o jornalismo. Ativo na campanha pela extinção da escravidão aliou-se a José do Patrocínio, trabalhou como colaborador do Jornal Gazeta da Tarde e depois, para o Jornal A Cidade do Rio, onde foi secretário, ocasião em que iniciou a publicação de seus textos literários. (idem)

Em 1890, Coelho Netto casou-se com Maria Gabriela Brandão, filha do professor Alberto Olympio Brandão, com quem teve quatorze filhos (Preguinho, João Coelho Netto, entre eles). Nesse ano, foi nomeado secretário de Governo do Estado e em 1891 assumiu a direção de Negócios do Estado. Em 1892 foi nomeado para o magistério de História da Arte na Escola Nacional de Belas Artes. Posteriormente, lecionou literatura no Colégio Pedro II e nesta atividade, foi nomeado, em 1910, para as cátedras de História do Teatro e Literatura Dramática na Escola de Arte Dramática do Rio de Janeiro, da qual foi mais tarde seu diretor. Na política tornou-se Deputado Federal pelo estado natal, o Maranhão, em 1909, sendo reeleito em 1917. Ocupou ainda diversos cargos, e integrou diversas instituições culturais. (ibidem)

Sua vida dividiu-se em três fases distintas: a primeira, aquela em que procurou se firmar como escritor. A segunda, quando integrou o movimento pela Academia, participou da política e obteve reconhecimento e consagração. E a terceira fase foi aquela na qual experimentou os ataques modernistas e o conseqüente esquecimento. (PINHO, 2009, pág. 109-128).

O escritor Coelho Netto esteve ao lado de Lúcio de Mendonça, idealizador da Academia Brasileira, nas primeiras reuniões que trataram da criação daquela entidade literária, e realizadas em novembro e dezembro de 1896. Tendo sido membro fundador da Academia, Coelho Netto ocupou a cadeira de número 2, cujo patrono é Alvares de Azevedo. Foi eleito presidente no ano de 1926, sucedendo à primeira gestão de Afonso Celso e foi seguido por Rodrigo Otávio. (NETTO, 1964, pág. 2-3)

O escritor Coelho Netto usou ao longo de sua vida vários pseudônimos, tanto nas publicações do Rio de Janeiro quanto de outras cidades: Amador Santelmo, Anselmo Ribas, Ariel, Blanco Canabarro, Caliban, Charles Rouget, Democ, Fur-Fur, Manés, Puck e Tartarin. (idem)

A obra de Coelho Netto sempre foi vista como cheia de pompa e formalismos, dotada de artifícios retóricos que foram rejeitados posteriormente pelos autores ditos regionalistas, tal como Lima Barreto, e os modernistas. De acordo com ROSA e NEVES (2010)⁴, o próprio Lima Barreto chegou a publicar artigos em periódicos literários, como a Revista Contemporânea e A Lanterna, nos quais direcionou ataques a Coelho Netto, e sua visão tradicional da literatura. Dizia que este se preocupava somente com o estilo, vocabulário e passava ao largo das questões sociais, políticas e morais, deixando de usar a escrita como instrumento de transformação social.

Em um dos artigos, também de Impressões de Leitura, que foi publicado originalmente em A Lanterna, Lima Barreto escreveu:

“Em um século deste, o Senhor Coelho Netto ficou sendo unicamente um plástico, um contemplativo, magnetizado pelo (personagem) Flaubert da Mme. Bovary, com as suas Chinesices de estilo, querendo como os Goncourts, pintar com a palavra escrita (...) mas que não fez de seu instrumento artístico um veículo de difusão das ideias de seu tempo...” (BARRETO, 1956a: 76).

O pesquisador Eliezer Bezerra, em seu livro sobre o prosador maranhense, denominou esse movimento de rejeição à obra “coelhonetiana” de onda modernista e comenta que uma campanha de apagamento da importância literária de Coelho Netto foi desenvolvida por algumas pessoas (denominadas pelo ensaísta de pseudomodernistas) incapazes e ambiciosas por glória sem esforço. Historiadores literários como Antônio Soares Amora e Massaud Moisés, por outro lado, apontam como causas principais do esquecimento do autor de

4 Acessível em <http://revistatessituras.com.br/arquivo/a_construcao_literaria.pdf>

Miragem a irregularidade de sua obra e os exageros no uso do vernáculo, o que poderia dificultar o acesso das novas gerações aos trabalhos do escritor. (NERES, 2011).

“O fato é que Coelho Neto tem seus méritos e, assim como todos os demais escritores da época, muito contribuiu para o engrandecimento da nossa história literária. Livros como “A Conquista”, “Turbilhão”, “Rei Negro” e “Sertão” são algumas das obras de Coelho Neto que ainda podem despertar o interesse dos leitores da atualidade, mas, infelizmente, raramente são encontrados nos catálogos das editoras e nas prateleiras de livrarias e bibliotecas, o que se torna mais um obstáculo na tentativa diminuir a concepção de que Coelho Neto é um escritor sem importância para a atualidade.” (idem)

Segundo NETTO (1964), Coelho Netto escreveu mais de 100 livros, entre eles:

Título	Ano de Publicação	Estilo Literário
Rapsódias	1891	Contos
Capital Federal	1893	Romance
Sertão	1896	Contos
Álbum de Caliban	1897	Contos
O Paraíso	1898	Poesia
A Conquista	1899	Romance
Tormenta	1901	Romance
A Bico de Penna	1904	Contos
Teatrinho	1905	Contos Infantis
Turbilhão	1906	Romance
Romance Bárbaro	1914	Romance
Rei Negro	1914	Romance
O Mistério	1920	Romance
Fogo de Vista	1923	Crônicas
O Polvo	1924	Romance
Mano Livro da Saudade	1924 ⁵	Romance
Imortalidade, lenda	1926	Romance
Contos da vida e da morte	1927	Contos
A Cidade Maravilhosa	1928	Contos
Bazar	1928	Crônicas
Fogo Fátuo	1929	Romance

Tabela 1 Livros escritos por Coelho Netto

Fonte: Suplemento Especial de Centenário. Revista do Fluminense.

5 Neste livro, Coelho Netto, escreve sobre a morte prematura do seu filho Emmanuel, o Mano, em 1922, aos 24 anos, também jogador titular do Fluminense e da Seleção Brasileira, juntamente com Preguinho, vítima de uma entrada desleal de um jogador adversário, sofrendo forte hemorragia interna e, em razão dos poucos recursos da medicina da época, falecendo alguns dias depois. Esta tragédia marcou em demasia a família Coelho Netto, e a maneira que o escritor encontrou para aplacar a imensa dor, foi colocar no papel, em forma de romance, o terrível sentimento que lhe afligia a alma. (NETTO, 1964)

Escritor fecundo, cultor de praticamente todos os gêneros literários – romances, contos, crônicas, fábulas, lendas, narrativas, apólogos, reminiscências, baladas, confissões, teatro, poesia, livros didáticos e críticos foi, por muitos anos, o mais lido no Brasil e um dos primeiros autores a demonstrar e registrar suas preocupações ecológicas, já naquela época. Juntamente com Euclides da Cunha, escrevia contra o desmatamento e as queimadas na Amazônia: “Com a morte das árvores, desaparecem as fontes: rios que rolavam águas abundantes derivam agora de filetes rasos e tão escassos que uma quente semana de verão é bastante para secá-los; a caça rareia.” (NISKIER, 2010).

Coelho Netto gostava de futebol e, por morar próximo ao Fluminense, na rua que hoje leva o seu nome, passou a frequentar o clube e ali descobriu todo o significado do que leva uma pessoa a amar e torcer por um clube de futebol. Sua paixão pelo clube o levou a escrever, por volta de 1915, o primeiro hino do Fluminense (anexo 4.1, pág. 75). No ano seguinte, Preguinho e Paulo juntariam-se ao irmão deles Mano, para praticar o esporte que tornaria o décimo-segundo filho do escritor Coelho Netto o mais famoso de todos. (NETTO, 1955)

O hino foi feito a partir de uma melodia muito ouvida no Rio de Janeiro, durante a primeira grande guerra, entre 1914 e 1918: *It's A Long Way To Tipperary*, música escrita por Jack Judge e Henry James Williams, em 1912, que foi trazida ao Brasil pelos marinheiros ingleses que ancoraram no Rio de Janeiro durante a guerra. (idem)

Em 1928, na função de Ministro Plenipotenciário e Enviado Extraordinário, Coelho Netto representou o Brasil na cerimônia de posse do presidente Irigoyen, na Argentina. Em 1932, por aclamação, a Academia Brasileira de Letras lançou, oficialmente, a candidatura de Coelho Netto ao Prêmio Nobel de Literatura, de 1933, vencido pelo russo Ivan Alekseyevich Bunin. (idem)

Coelho Netto faleceu em 28 de novembro de 1934, na casa nº 79 da rua que hoje tem o seu nome.

2.3 Os quatro irmãos

Na casa de Preguinho todos acabaram se destacando de uma maneira ou de outra, de acordo com Waldir Barbosa Júnior (2013 pág. 74-75): Mano e o próprio Preguinho nos esportes, Paulo na literatura, Georges foi nadador e jogador dos quadros infantis de futebol e depois importante membro do Conselho Deliberativo do Fluminense. Zita foi cantora de rara voz, querida por todos que a conheciam e gostavam de música popular brasileira. Dina era

conhecida intérprete de diversas canções brasileiras, tangos e rancheiras, e autora da inesquecível valsa “Nancy”, gravada pelo popular Moacir Rocha e pelo consagrado cantor Francisco Alves, além de exímia desenhista, autora de várias capas da Revista Única.

A bela Violeta foi a que teve maior destaque entre as mulheres, não como esportista, embora tenha sido exímia nadadora, mas por ser excelente cantora de ópera, bastante apreciada nas festas e recitais que aconteciam no Fluminense, organizados por seu pai. Sua voz de soprano embalava a todos que assistiam no Teatro Municipal às suas apresentações, em particular quando entoava “Madame Butterfly”, de Puccini. Sua carreira teve belos momentos, cujo ápice se deu quando o Imperador do Japão, em visita ao país, entregou-lhe, após uma das apresentações no Municipal, o quimono de Tamaki Miura (1884 – 1946), “artista de renome internacional no mundo da ópera que consagrou-se com a interpretação de Madame Butterfly”. (idem)⁶.

Anos mais tarde, depois da última apresentação de Violeta, o quimono foi doado ao Museu Histórico do Rio de Janeiro. (ibidem).

6 Acessível em <www.zashi.com.br/japoneses_notaveis>

3 A HISTÓRIA DE UM ÍDOLO

Neste capítulo procurou-se mostrar os feitos do multiatleta Preguinho. Suas vitórias, seus títulos e conquistas foram lembrados; e foram resgatados comentários, entrevistas, opiniões pessoais de amigos e a tristeza que marcou sua vida, a morte do seu irmão mais velho, Emmanuel, o Mano.

3.1 O Atleta do Século

O Fluminense é João Coelho Netto, o Preguinho, o verdadeiro atleta do século. (TRIGO, 2014, pág. 12).

João Coelho Netto, o Preguinho, foi o mais completo atleta de toda a história do Fluminense, segundo consta no site oficial do clube⁷.

Ele foi campeão em oito modalidades esportivas: atletismo, basquetebol, futebol, hóquei, natação, polo-aquático, saltos ornamentais e voleibol. Sempre foi um amador puro, recusando as propostas de profissionalização que recebeu; um vencedor movido apenas pelo seu amor ao Fluminense. (NETO, 1979, pág. 13).

O jornalista Adriano Neiva da Motta e Silva, conhecido como De Vaney, cronista oficial da cidade de Santos, em São Paulo, e do Santos Futebol Clube, era fã de Preguinho. Ele fez questão de destacar todas essas virtudes de Preguinho em mensagem enviada à Assembleia Legislativa do Estado da Guanabara, que fez parte dos depoimentos colhidos para o projeto de nomeação de João Coelho Netto como Cidadão Benemérito do Estado da Guanabara, em 1973. A admiração do cronista De Vaney pelo amigo Preguinho ficou demonstrada também em uma crônica, denominada Este homem é um fenômeno. (BARBOSA, 2013, pág. 113)

João Coelho Netto é campeão em quase dez modalidades. Seus títulos figuram nos arquivos do Fluminense F.C. como joias em museu, e que joias! Houvesse organização no Brasil e a vida de João Coelho Netto contada em livro a ser

7 Acessível em <www.fluminense.com.br>

distribuído nos colégios serviria de exemplo, mostrando um menino, depois rapaz e homem feito, dormindo às oito e meia da noite e acordando às quatro da manhã, rumando para o mar, para as quadras, para os campos de futebol, para as pistas, a adestrar o corpo, tornando-o apto a vencer praticamente todas as competições das quais participava.” (idem)

Preguinho foi admitido como escoteiro, na seção infantil, do Fluminense em 1º de junho de 1916, sob o nº 20, aos 11 anos de idade. Neste mesmo ano, ele conquistou, jogando na posição de centroavante, o torneio de segundos quadros, feito esse que se repetiu em 1917, quando a equipe tricolor realizou a façanha de vencer todos os jogos e não ter sua meta vazada, isto é, não sofreu nenhum gol. (NETO, 1979, pág. 13).

Em 1925, aos 20 anos, Preguinho realizou uma proeza: no espaço de uma hora foi campeão de mar e terra, no dia 19 de abril. O feito ganhou relevância porque Preguinho havia parado de nadar, para conciliar a multiplicidade de esportes que praticava com a vida profissional – ele trabalhava como alto funcionário do Instituto de Pensão e Aposentadoria dos Servidores do Estado, o IPASE. Armando Ferreira Gomes, o Armandinho, foi um dos seus amigos mais queridos e o maior rival nas piscinas. Era como um irmão. Armandinho morreu de forma repentina e prematura, vítima de um choque anafilático. Preguinho ficou desolado e jurou voltar a nadar em homenagem à memória do amigo. Nem teve tempo de treinar, pois estava em cima da época da competição. Mas sua motivação interior era a maior possível: a saudade e o valor de uma verdadeira amizade. (idem).

Ele nadou e venceu, na Praia de Botafogo, na distância de 600 metros. Quando Irineu, o Diretor de Natação do Guanabara, quis entregar-lhe a medalha, Preguinho, triste e cabisbaixo, com lágrimas nos olhos, apenas murmurou: “A medalha não é minha, quem venceu a prova foi o Armandinho”. Assim, ele conquistou o Campeonato de Natação do Rio de Janeiro pelo Clube de Regatas Guanabara. Preguinho, assim como toda a família Colho Netto, participava das competições aquáticas pelo Guanabara porque o Fluminense ainda não competia nesta modalidade esportiva. (ibidem)

Depois de vencer a prova de natação, Preguinho não podia perder tempo. Apesar de exausto, vestiu um roupão e rumou para o Estádio do Fluminense onde era disputado o Torneio Início de Futebol da Primeira Divisão. Chegou a tempo. E jogou e venceu a partida final contra o São Cristóvão. Sua habilidade e vigor ficaram mais que comprovadas. E assim Preguinho ficou conhecido como o campeão de mar e terra. (ibidem).

O jornalista, escritor e dramaturgo Nelson Rodrigues, em sua coluna de O Globo (1975), denominada Personagem da semana, lembrou essa história, invertendo a ordem das competições:

Graças aos tiros [chutes] de João Coelho Netto, o meu time sagrou-se campeão. Terminado o jogo, ele não pode perder um minuto. Saiu correndo, na frente de todos, vestiu à galega, apanhou um táxi e voou para Botafogo. Chegou em cima da hora e pode disputar a prova de 1.500 metros. E não deu outra coisa: campeão de futebol, campeão de natação e, tudo isso, na mesma tarde inesquecível. (O Globo, 06/01/75, pag. 27)

O jornalista Argeu Affonso (2016), amigo íntimo do ídolo Preguinho, afirmou que Preguinho usou um táxi para ir até Laranjeiras. Mas, em seus textos costuma brincar: “Sobre o dia que Preguinho foi campeão de mar e terra, os cartesianos dizem que ele foi a pé até o Fluminense. Os empolgados afirmam que foi de bicicleta e os muito empolgados que chegou correndo ao clube”. Preguinho, em entrevista a Revista do Fluminense, confirmou as palavras do jornalista e amigo:

Naquele dia 19 de abril ganhei a competição de 600 metros, vesti meu roupão e tomei um táxi e ainda cheguei no Fluminense a tempo de disputar o último jogo do Torneio Iníthum, contra o São Cristóvão e ser campeão de mar e terra, em meia hora. Acho que é um título inédito no mundo. Mas o importante foi que o Armando continuou campeão. (PREGUINHO, 1969, nº 142, pag. 27)

As vitórias, títulos e campeonatos vencidos por Preguinho, ao longo de sua carreira, foram inúmeras. Sua vida de homem e atleta foi pontilhada de fatos tristes, alegres e pitorescos. Waldir Barbosa Júnior destacou um desses fatos pitorescos, ocorrido no dia 27 de maio de 1928, quando jogaram Fluminense e Flamengo, no campo do Flamengo, na Rua Paissandu, pelo primeiro turno do campeonato carioca: “na véspera, ao chegar ao clube, Preguinho recebeu das mãos do porteiro um telegrama. Abriu e lá estava escrito: 'Amanhã não farás nenhum gol. Vai ser canja para o Flamengo'. Ass.: Amado”. (BARBOSA, 2013, pág. 44-45)

Amado Benigno era o goleiro adversário, um dos maiores da história do futebol rubro-negro. Preguinho mostrou o telegrama a alguns amigos e ouviu deles a pergunta: “Você vai engolir esta provocação?” A resposta foi rápida: “Conheço bem o Amado, ele não faria isso”. Mas, ao sair disse de gozação: “A zero é que não fica, porque dois gols eu faço”. (idem)

No dia seguinte, o jornal Diário Carioca trouxe a seguinte manchete: “Preguinho garante fazer dois gols em Amado”. A guerra estava declarada. Além da atração natural de um Flu x Fla havia o desafio entre dois craques. O estádio do Flamengo fechou seus portões antes da partida preliminar. Estava lotado. Além do resultado estava em jogo a promessa do artilheiro. (ibidem)

Começou o jogo e logo aos 40 segundos, Preguinho tomou uma bola perdida das mãos de Amado, deu um drible desconcertante no goleiro e estufou as redes inimigas. Foi o primeiro. Em seguida, com uma virada sensacional de fora da área aos 10 minutos, fez a alegria da torcida tricolor. Foi o segundo. O jogo terminou com a vitória do Fluminense por 4 a 1. A torcida no final invadiu o campo e carregou Preguinho em festa até o Estádio do Fluminense. A promessa do artilheiro foi cumprida ao pé da letra. (ibidem)

O Fluminense traz, orgulhosamente, no site oficial a informação de que Preguinho foi o capitão da primeira seleção brasileira que disputou a Copa do Mundo de Futebol, em 1930, em Montevideu, no Uruguai. Ele teve a glória de fazer o primeiro gol brasileiro em campeonatos mundiais, no jogo contra a Iugoslávia.⁸

Com relação ao fato de ter disputado a Copa do Mundo de 1930 como titular, o próprio Preguinho achava que teve sorte e que entrou por acaso. Havia, na época, uma briga entre paulistas e cariocas e os paulistas não se apresentaram para os treinos. No primeiro treino, Preguinho foi chamado para completar o time de reservas e o fez com muita competência. Os reservas ganharam por 9 a 0 e Preguinho fez 6 gols. Porém, de maneira inesperada, alguns paulistas resolveram se apresentar e os responsáveis pela seleção iam dispensá-lo. O zagueiro corinthiano Del Debbio, de grande prestígio, exigiu sua presença no grupo. (ibidem, pag. 56)

Já entre os titulares, Preguinho viajou para Montevideu, porém, o ambiente não era bom e havia muitos obstáculos contra o selecionado brasileiro: a torcida, o frio de seis graus abaixo de zero, a desorganização do escrete e até a falta de técnico, pois Luís Vinhaes, que seria o técnico, não conseguiu autorização em seu emprego para viajar. A viagem para Montevideu foi de navio, uma embarcação italiana chamada **Conte Verde** e durou quatro

8 Acessível em <www.fluminense.com.br/site/futebol/historia/linha-do-tempo/1911-1930/>

dias. No navio, não tinha espaço para fazer exercícios, a comida era à base de massa italiana, sem carne bovina e quando o grupo chegou ao destino todos estavam fora de forma. (idem)

Desse modo, embora a seleção tenha entrado para ganhar, houve uma série de indecisões sobre a escalação de alguns nomes e, dos escalados, somente Fausto e Preguinho aguentaram o tranco enfrentando os gigantes iugoslavos, que praticavam um sistema de futebol-força. O Brasil perdeu para a Iugoslávia por 2 x 1, com o gol brasileiro sendo marcado por Preguinho. No segundo jogo, já eliminado, o Brasil ganhou da Bolívia por 4 a 0, com dois gols de Preguinho. (ibidem)

Para o jogo contra a Iugoslávia, após todas as indecisões iniciais, o selecionado foi formado por Joel, Brillhante, Itália, Hermógenes, Fausto e Fernando; Buri, Nilo, Araken, Preguinho e Teófilo. “Nós dominamos o jogo. Eles em duas escapadas fizeram os dois gols” (PREGUINHO, apud KUPFER, 1969, pag. 27)

O ídolo maior das Laranjeiras consta nas estatísticas como o 9º artilheiro do Fluminense, com 124 gols marcados em 174 jogos (de 1925 a 1938). Surpreendeu e manteve-se na vice-liderança dos cestinhas do Basquete com 711 pontos convertidos. (BARBOSA, 2013, pag. 26).

Preguinho recebeu do clube todas as honrarias em grau de benemerência, sendo, nesse aspecto, o único caso na história do Fluminense: Benemérito Atleta em 30 de abril de 1929; Grande Benemérito Atleta, o primeiro concedido pelo Fluminense, a 22 de janeiro de 1952; Benemérito em 1º de dezembro de 1967; e Grande Benemérito em 11 de novembro de 1970. (NETTO, 1979, pag. 13)

Seu valor indiscutível foi reconhecido por todo o Brasil e, entre inúmeras condecorações, destacam-se três raríssimas distinções: Medalha de Honra ao Mérito conferida pelas Standard Oil, em 1952; Medalha de Honra ao Mérito Desportivo, outorgada pelo presidente Humberto de Alencar Castello Branco, através do Conselho Nacional de Desportos, em 1965; e Condecoração de Mérito Esportivo, Grau de Cavaleiro do Esporte, concedida pelo presidente Emílio Garrastazu Médici, em 1970, e oficializada pelo Decreto 36.328. (idem)

Preguinho, a sua época, foi o nome de maior apelo popular dentro e fora do Fluminense. Era com ele, com seu jeito simples, que o torcedor se identificava. Era também sem sombra de dúvidas a maior força política dentro do clube e um dos principais sustentáculos que asseguravam a inigualável pujança Tricolor. (ibidem)

Seus companheiros, quando se aposentou do futebol, eram o roupeiro Cantídio e Olavo, chefe da lavanderia do Fluminense. Com eles, passava tardes inteiras no antigo bar Bataclan, já demolido, ao lado do viaduto de Laranjeiras. (AFFONSO, 2016)

Em eleições para a presidência do Fluminense, Preguinho disse, em entrevista a Revista do Fluminense, que ficou invicto, nunca perdeu um pleito e os nomes que apoiou todos foram eleitos. (Netto, 1979, pag. 13)

Sempre que o Fluminense entra em período eleitoral, fala-se muito de Preguinho. Todos querem saber com quem está o grande tricolor. Ele que, na eleição de amanhã, está com Francisco Horta, sempre vota, infalivelmente, no candidato melhor, no candidato que mais convém ao clube. (RODRIGUES, apud O Globo, 1975, pag. 27)

Preguinho continuou atuante no Conselho Deliberativo, até a morte, em 1979. Segundo Afonso (2016), “a grande força de Preguinho era que sua nítida liderança estava ligada ao seu glorioso passado de atleta sem igual, o maior atleta de todos os tempos da rica história do Fluminense Futebol Clube”.

3.2 Preguinho, uma vida pelo Fluminense



Figura 3 Preguinho e o seu instrumento de trabalho⁹
Fonte: Revista do Fluminense

9 Fonte: Revista do Fluminense, 1979, nº 199, pag. 10

Será muito difícil encontrar alguém que tenha se integrado tanto a um clube, durante toda uma vida, quanto Preguinho. Seu coração foi moldado de maneira hereditária para ser tricolor, a começar pela tradição de família, que seu pai soube cultivar e transmitir aos filhos. Mas João Coelho Neto, o Preguinho, de tantos feitos e de tanta fama em várias modalidades esportivas, estava tão organicamente ligado ao Fluminense, que não cabia dentro dele outro sentimento senão o do mais profundo amor e respeito ao clube a que serviu com tanta dedicação. (ALBERTO, 1979, pag. 10).

Não havia um só episódio histórico ou político nas Laranjeiras que não tivesse sua presença, ativa e vigilante. A partir do momento em que seus músculos não puderam mais dar a energia com que sempre se empregou, vestindo a camisa tricolor, Preguinho passou a ser uma figura obrigatória no centro das decisões do clube. (idem).

Dentro do Fluminense acostumou-se dizer que Preguinho jamais perdeu uma eleição. Candidato por ele apoiado era ganhador certo. Seu poder de convencimento, sua obstinação em conseguir os votos dos amigos para apoiar determinado candidato, eram fatores decisivos de vitória. Pode até ter errado algumas vezes, mas, quando isso aconteceu, o vencedor de hoje seria o derrotado de amanhã. (ibidem).

O cronista Luiz Alberto (1979, pag. 10) que escreveu para a Revista do Fluminense disse que no seu convívio com algumas boas amizades tricolores teve oportunidade de, algumas vezes, bater longos papos com Preguinho.

Segundo o cronista, Preguinho encarnava, principalmente, o Fluminense-clube e não o Fluminense-time. De certa feita, quando falava com outro saudoso tricolor, Mem Xavier da Silveira, que lhe contava que seu filho era Fluminense “doente”, ele de pronto contestava: “Não, meu filho, não diga isso... Não há Fluminense doente, só há Fluminense sadio”. (ALBERTO, 1979, pag. 10-11).

Essa sempre foi a pura expressão da verdade. O tricolor se distingue de outros torcedores exatamente por não ser passional, ou não tão exageradamente. Quer dizer, uma derrota não abala tanto o verdadeiro tricolor, porque ele coloca a grandeza do clube, sua tradição, sua linha de ação, acima dos maus resultados. O clube, que se fez grande, não foi só feito de vitórias esportivas: foi produto de homens, que souberam fazê-lo grande. E esse era, também, o sentimento predominante na personalidade de Preguinho, o pequeno gigante que soube lutar pelo clube, dentro e fora de campo, com o mesmo espírito de combate, com aquele puro amor ao clube onde nasceu, criou-se e terminou sua vida. (idem)

Homenageando Preguinho, o cronista Luiz Alberto reproduziu em uma crônica uma de suas últimas entrevistas, feita para a série de programas “Viva o Esporte”, do Projeto Minerva, dois anos antes de sua morte. (ibidem)

Inicialmente, Preguinho narrou as dificuldades para a formação da equipe que foi disputar a Copa do Mundo de 1930, no Uruguai. Lembrou que a seleção foi formada somente duas ou três semanas antes do embarque e que, naquele tempo, não havia sequer preparador físico. Os jogadores se juntavam em campo e faziam seus treinos de conjunto. Nos primeiros treinos, a presença dos paulistas, entre eles Araken e Feitiço, ainda era uma esperança, mas depois, com a briga entre cariocas e paulistas, o jogador Feitiço acabou ficando de fora, só permanecendo Araken, que estava, na época, inscrito pelo Flamengo. (ibidem)

Mas, além disso, Preguinho tinha como seu grande rival da posição, o jogador carioca Carvalho Leite, então com 17 a 18 anos, que sofreu uma fratura na mão e ficou de fora. Por isso, o ataque acabou sendo formado com o deslocamento de Araken para a meia, ficando ele, Preguinho, no comando do ataque. (ibidem)

Na Copa do Mundo, logo na estreia, o Brasil teve pela frente a Iugoslávia, jogando sob um frio abaixo de zero, tanto assim que os uruguaiois diziam que essa temperatura não acontecia há mais de vinte anos. Os iugoslavos pularam na frente, marcando logo dois gols, com que viriam a assegurar a vantagem final de 2 a 1. (ibidem)

“Depois que o jogo esquentou – conta Preguinho – aí a coisa mudou por completo e o nosso time passou a encurralar o adversário. Eu mesmo senti que era necessário dar combate e movimentava-me o tempo todo. Até que uma bola levantada pelo grande Fausto, sobre a área, me permitiu pular mais alto que os zagueiros adversários e cabecear, marcando aquele que seria o primeiro gol do Brasil na história das Copas do Mundo”. (PREGUINHO, apud ALBERTO, 1979, pag. 10-11).

Da sua participação na Copa de 1930, Preguinho guardou uma queixa: ele era, então, funcionário do extinto Instituto de Pensão e Aposentadoria dos Servidores do Estado, Ipase, e, mesmo tendo viajado na condição de capitão do time brasileiro, não conseguiu mais do que uma licença “para tratar de assuntos particulares”, com perda de tempo de serviço na sua ficha funcional. (ALBERTO, 1979, pag. 10-11).

Falando de seu pai, o escritor Coelho Neto, Preguinho sempre revelou o imenso amor que ele dedicou aos filhos e contava um detalhe, que foi fundamental para que todos fossem encaminhados ao esporte: o casal Coelho Neto perdeu sete filhos para as variadas doenças da época e, depois que isso aconteceu, levou todos os outros à prática do esporte, na certeza de que aquele era o caminho correto para que todos crescessem fortes e saudáveis. (idem).

“Era uma sociedade exemplar, uma sociedade de grandes famílias, como os Guinle, os Rocha Miranda e tantos outros. Nos dias de jogos, as senhoras da mais alta sociedade carioca desfilavam, passando sob a sombra de uma bela árvore, em direção à arquibancada social, todas elegantemente vestidas. Dava gosto ver aquele meu Fluminense, o meu Fluminense que tanto gostaria de ver vivendo as tradições de um clube padrão”. (PREGUINHO, apud ALBERTO, pág. 10-11)

3.3 A maior tristeza de Preguinho



Figura 4 Emmanuel Coelho Netto, o Mano
Fonte: Site oficial do Fluminense¹⁰

Irmão mais velho de Preguinho, Mano fez parte da melhor equipe tricolor da era do amadorismo, sendo tricampeão em 1916, 17 e 18. Anos mais tarde, em uma partida contra o São Cristóvão, em 18 de junho de 1922, ele, num choque com um adversário, sofreu uma séria contusão. O jogo estava muito difícil para o Fluminense e Mano não quis deixar o campo. No intervalo o treinador quis tirá-lo, mas ele não aceitou e voltou para o segundo tempo. Ajudou o seu time a vencer por 2x1 mas o preço foi alto.

O jogo foi realizado no campo do Botafogo, porque o do Fluminense estava sendo ampliado para os Jogos Olímpicos Latino-Americanos, comemorativos do centenário da independência do Brasil. Mano deixou o gramado para ser atendido, estava atordoado e

¹⁰ Acessível em < www.fluminense.com.br>

sentindo fortes dores no abdômen, o local atingido. Depois de receber massagens do treinador, que o aconselhou a não retornar ao jogo, ele insistiu em voltar dizendo que sua ausência iria prejudicar o time já que não havia substituição. Retornou ao campo, sentindo dores, já com uma veia rompida e hemorragia interna.

Após esse jogo com o São Cristóvão*, Mano ainda jogou outras quatro vezes marcando gols em dois jogos¹¹, contra o Andaraí (2 gols) e contra o Bangu (2 gols). Seu último jogo pelo Fluminense foi em 16 de julho de 1922 contra o Botafogo (0x0).

O seu espírito de amador, sua elevada noção de dever e sua dedicação ao Fluminense superaram o sofrimento físico, que se agravou meses depois, de maneira repentina, fazendo com que fosse operado com urgência e, posteriormente, o levou à morte. Ao ser operado, o cirurgião encontrou e removeu 32 coágulos, porém, todo o esforço da equipe médica não foi suficiente e 50 horas depois da operação, Mano morria. Toda a alegria da casa dos Coelho Netto foi transformada em tristeza, deixando para a família a imensa saudade do seu ente querido. (Netto, 1975, vol. III pag. 23)

Estes foram os últimos 10 jogos de Mano pelo Fluminense:

Data	Estádio	Local	Árbitro	Campeonato
16-07-1922	Botafogo 0 X 0 Fluminense	Gen. Severiano	Lyrio Nascimento	Carioca
09-07-1922	Bangu 1 X 4 Fluminense	Rua Ferrer	Affonso de Castro	Carioca
02-07-1922	Fluminense 6 X 0 Andaraí	Gen. Severiano	Teóphilo Nunes	Carioca
25-06-1922	Fluminense 1 X 1 Flamengo	Gen. Severiano	Adauto de Assis	Carioca
18-06-1922*	Fluminense 2 X 1 S. Cristóvão	Gen. Severiano	Fred Murtinho	Carioca
04-06-1922	Fluminense 0 X 0 América	Gen. Severiano	Antônio A. Almeida	Carioca
21-05-1922	Fluminense 1 X 2 Botafogo	Gen. Severiano	Nascizo Bastos	Carioca
13-05-1922	Flamengo 0 X 1 Fluminense	Rua Paysandu	Everardo M. Tinoco	Carioca
26-12-1920	Andaraí 3 X 3 Fluminense	Andaraí	Carlos S. Santos	Carioca
19-12-1920	Fluminense 2 X 2 Flamengo	Laranjeiras	Ary Azevedo Franco	Carioca

Tabela 2 Os últimos dez jogos de Mano no Fluminense

Fonte: Estatísticas Fluminense¹²

11 Acessível em < <http://www.fluzao.info/>>

12 Idem

A morte de Mano, no dia 30 de setembro de 1922, aconteceu na véspera do jogo Brasil x Uruguai pelo Sul-Americano. No dia seguinte, após o enterro, o contraste entre a alegria da multidão que chegava para o jogo e a tristeza na casa da família Coelho Netto, em frente ao estádio, era desolador. O Brasil jogou com braçadeiras negras em homenagem a Mano. (idem)

3.4 A Veia Poética

O Preguinho atleta foi complementado pelo Preguinho poeta, que contava através de seus textos algo de sua história, revelada numa espécie de autobiografia em forma de versos. Waldir Barbosa (2013, pag. 94-102), resgatou poemas e crônicas escritas por Preguinho, como o poema intitulado Verbo amar (anexo 3.1, pág. 73).

Preguinho foi um literato de muita sensibilidade, no entanto, não gostava que o tratassem como tal, pois achava que seus versos haviam sido feitos para seu desabafo pessoal e não os mostrava para ninguém. No conto O riso e a lágrima (anexo 3.2, pág. 74) ele fala de tristeza, saudade e imagens do passado. (idem)

Segundo Affonso (2016), a veia poética de Preguinho, muito provavelmente, era oriunda da genialidade do pai escritor e da mãe, sensível, inteligente e com dotes musicais já que tocava piano nas reuniões de família. Ele acha, também, que essa sensibilidade fez com que o craque se sentisse atraído e frequentasse a vida boêmia do Rio de Janeiro. (ibidem)

Tinha gosto musical eclético e gostava tanto de música clássica quanto de música popular brasileira. Era amigo de Sílvio Caldas, Noel Rosa, Milton, Helena de Lima, Orestes Barbosa, Luiz Barbosa, Nonô, Nassari e muitos outros seresteiros e cantores que circulavam na noite carioca. (ibidem).

Sua família frequentava os salões das famílias abastadas de Santa Teresa, onde eram recebidos com extrema alegria e boa vontade. Sua casa era ponto de encontro de intelectuais, amigos do seu pai, tais como Olavo Bilac, Emílio de Menezes, Vicente de Carvalho, Hermes Fontes, Olegário Mariano e outros, como aponta Barbosa (2013, pag. 64)

Preguinho encerrou oficialmente a carreira em 21 de junho de 1939, disputando um amistoso do Fluminense contra a Seleção de Niterói, no estádio Byron, casa do adversário. Fez o seu último gol nesta partida e declarou: “Com este gol encerro minha carreira no futebol e penduro minhas chuteiras para a posteridade.” (idem, pag. 58)

João Coelho Netto, o Preguinho, faleceu na madrugada do dia 1º de outubro de 1979, aos 74 anos, de insuficiência pulmonar, em sua residência, em Laranjeiras. (ibidem, pag.157)

4 O FLUMINENSE FOOTBALL CLUB, A PAIXÃO DE PREGUINHO

Neste capítulo, depois de uma breve pesquisa sobre o início do futebol no país, deu-se ênfase à pesquisa da história daquele que foi a paixão maior de João Coelho Netto, o Preguinho: O Fluminense Football Club. Sua fundação por abnegados rapazes da sociedade carioca, seu crescimento como clube de futebol, seu campo construído para jogos da seleção brasileira, enfim, sua trajetória marcante no cenário futebolístico nacional.

4.1 O futebol no Brasil, antes do Fluminense

Em terras brasileiras, notadamente no Rio de Janeiro e em São Paulo, foram realizadas partidas de futebol, com participação de ingleses que trabalhavam implantando as ferrovias no país, antes do regresso de Charles Miller ao Brasil, em 1894. Miller foi estudar na Inglaterra muito cedo, aos nove anos de idade; e por ter trazido de lá duas bolas, uma agulha, uma bomba de ar e dois uniformes completos, ele é considerado o fundador do futebol no país. Miller, paulistano do Brás, foi quem organizou o futebol por aqui.¹³

Apesar de ter voltado ao Brasil, em 1894, apenas no ano seguinte é que Miller pode ver a primeira partida oficial ser realizada no país. O São Paulo *Railway Team* – com Charles Miller em campo – venceu, por 4 a 2, o Team do Gás, na Várzea do Carmo. Estas “peladas” iniciais deram forma ao primeiro Campeonato Paulista, jogado em 1902. Antes disso, Charles Miller conseguiu o apoio do São Paulo Athletic, time da colônia inglesa na cidade, que rivalizava com o Germânia, fundado pelo alemão Hans Nobiling, e com o Mackenzie, primeiro clube formado por brasileiros só para a prática do futebol.¹⁴

Começaram a surgir em São Paulo outros times, como o *Sport Club* Internacional e o Club Atlético Paulistano. No Rio de Janeiro, o primeiro clube criado para a prática de esportes terrestres foi o Club Brasileiro de *Cricket*. As suas reuniões eram altamente prestigiadas pela sociedade local e algumas delas contou com a presença da Princesa Isabel. O futebol, porém, não progrediu e o clube limitou-se apenas ao *cricket* e as corridas.¹⁵

O carioca Oscar Alfredo Cox trouxe o futebol para a cidade do Rio de Janeiro. Após a conclusão dos estudos no Colégio de *La Ville*, em *Lausanne*, Suíça, onde jogou e aprendeu a

13 Acessível em < www.fluminense.com.br/historia>

14 idem

15 Ibidem

gostar do futebol, Cox retornou ao Rio e passou a conversar com os amigos a respeito do novo esporte. Em 22 de setembro de 1901, Oscar Cox conseguiu formar uma equipe e partiu com o grupo, denominado Rio *Team*, para Niterói. Tinha como finalidade jogar contra um time formado por ingleses no campo do Rio *Cricket*. O resultado da primeira partida de futebol realizada no Rio de Janeiro foi 1 x 1, com Júlio Moraes marcando o gol dos cariocas. A equipe organizada por Cox formou com Clyto Portela; Etchegaray e Schuback; M. Frias, Cox e Max Naegely; Costa Santos, E. Moraes, Nóbrega, Júlio Moraes e F. Frias.¹⁶

Depois os ingleses retribuíram a visita, vieram ao Rio e jogaram duas partidas que foram disputadas no campo do Paysandu *Cricket Club*, que sucedeu ao Club Brasileiro de *Cricket*. Como os times eram iniciantes aconteceram mais dois empates. Em 29 de setembro (2x2) e no mês seguinte, em 12 de outubro (1x1). (ibidem).

Empolgado com a realização dos três jogos, Oscar Cox programou uma excursão a São Paulo. Em outubro de 1901, manteve entendimentos na capital paulista com René Vanorden, do Sport Club Germânia, que apresentou a ideia de Cox que os outros companheiros aprovaram: Ibáñez Sale, do Paulistano; Armando Costa, do Internacional; Charles Miller, do Fox Rule; e Boyes, do São Paulo Athletic. Em 19 de outubro de 1901, no campo do São Paulo *Athletic*, os cariocas entraram em campo para enfrentar os paulistas, no primeiro jogo de futebol entre os dois grandes centros. A partida terminou empatada em 2x2 com gols de Félix Frias e McCulloch para os cariocas.¹⁷

4.2 Surge o Fluminense Football Club

O grupo de Oscar Cox retornou de São Paulo de trem que, naquela época, era feito de madeira. Durante a viagem, surgiu então a ideia da fundação de um clube de futebol no Rio de Janeiro.¹⁸

Uma reunião foi marcada para novembro, cartões-convites foram distribuídos, várias pessoas foram convidadas para o encontro. Félix Frias, C. Robinson e Oscar Cox foram os promotores do encontro marcado para o dia 30 de novembro de 1901, às 20h30, na sede do Laranjeiras Club. A intenção desta reunião seria a fundação do Rio Football Club que fracassou, pois não houve acordo entre os presentes. Em 12 de julho de 1902, João Ferreira, um dos integrantes do grupo, fundou o Rio F. Club, que, embora não fosse voltado para o

16 Acessível em <www.fluminense.com.br>

17 Idem

18 Ibidem

futebol, atrapalhou a intenção do grupo quanto ao nome pretendido. Agora seria necessário escolher outro nome para o clube de Cox.¹⁹

Oscar Cox, ainda no mês de julho, formou um novo grupo e foi a São Paulo mais uma vez. Estavam reunidos os amigos Luís Nóbrega, Costa Santos, Félix Frias e outros. Naquela oportunidade sofreram duas derrotas para os paulistas, 1 x 0 para o Internacional e 3 x 0 para o Paulistano. Na volta da viagem, nas intermináveis conversas do grupo, a ideia da fundação de um clube voltado somente para o futebol voltou a ganhar mais força. Mais organizados e mobilizados, eles prepararam e enviaram, via correio, bilhetes postais em forma de convite para a reunião a ser realizada no dia 21 de julho, às 20 horas, no casarão da Rua Marquês de Abrantes, 51, residência de Horácio da Costa Santos, a fim de tratar da fundação do Fluminense Football Club.²⁰



Figura 5 Convite para a fundação (frente e verso)
Fonte: Site oficial²¹

4.3 Oscar Cox e os fundadores do Fluminense



Figura 6 Oscar Cox, o fundador
Fonte: Site do Fluminense²²

19 Acessível em <www.fluminense.com.br>

20 Idem

21 Ibidem

22 Ibidem

Não foram poucos os homens que tiveram boas ideias ao longo da história. A melhor, sem dúvida, foi a do carioca Oscar Alfredo Sebastião Cox, ao fundar o Fluminense Football Club. (TRIGO, 2014, pag.15).



Figura 7 O Primeiro escudo (original)
Fonte: Site oficial do Fluminense Football Club²³

O Fluminense Football Club, fundado na reunião de 21 de julho de 1902, na residência de Horácio da Costa Santos, foi o primeiro clube do Estado do Rio fundado só para o futebol, com regras e estatuto. (BARBOSA, 2013, pag. 136). O nome Fluminense surgiu naturalmente por ser a denominação dada a todos os nascidos no Estado do Rio de Janeiro. Em latim *Flumem* significa “do rio”, daí a escolha.²⁴

A reunião foi presidida por Manoel Rios e secretariada por Oscar Cox e Américo Couto. Sendo proposto por João Carlos de Mello e Virgílio Leite, Oscar Alfredo Cox foi aclamado primeiro presidente do clube, assumindo então os trabalhos e passando Manoel Rios

²³ Acessível em <www.fluminense.com.br/história/linhadotempo/>

²⁴ Idem

para secretário. Outra proposta de João Carlos de Mello foi aprovada: os vinte presentes na reunião seriam considerados os fundadores do clube.²⁵

Depois da reunião, todos se dirigiram ao Bar Lamas, então localizado na Rua do Catete, na Zona Sul da cidade, onde foi comemorada a data histórica.

A lista dos 20 sócios fundadores do Fluminense Football Club

- 1 – Horácio da Costa Santos
- 2 – Mário Rocha
- 3 – Walter Schuback
- 4 – Félix Frias
- 5 – Mário Frias
- 6 – Heráclito de Vasconcelos
- 7 – Oscar Alfredo Cox
- 8 – João Carlos de Mello
- 9 – Domingos Moitinho
- 10 – Luís da Nóbrega Júnior
- 11 – Arthur Gibbons
- 12 – Virgílio Leite
- 13 – Manoel Rios
- 14 – Américo da Silva Couto
- 15 – Eurico de Moraes
- 16 – Victor Etchegaray
- 17 – A. C. Mascarenhas
- 18 – Álvaro Drolhe da Costa
- 19 – Júlio de Moraes
- 20 – A. H. Roberts



Figura 8 Lista de fundadores do Fluminense
Fonte: site do Fluminense Football Club²⁶

25 Acessível em <www.fluminense.com.br>

26 Idem

Em 19 de outubro do mesmo ano, o Fluminense disputou contra o Rio Football Club, no campo Paysandu, a primeira partida de futebol de sua história. O time foi formado com dez de seus fundadores, mais a participação de Adolpho Simonsen e o clube das Laranjeiras venceu facilmente por 8x0 com gols de Horácio da Costa Santos (3), Heráclito Vasconcellos (2), Félix Frias, Eurico de Moraes e Adolpho Simonsen. Foi uma boa vingança sobre o time que lhe havia “roubado” o nome e que teve uma curta existência.²⁷

Os comentários sobre a partida e a súmula foram os seguintes:



Figuras 9 e 10 Comentários e súmula 1º jogo – 1902
Fonte: Site do Fluminense²⁸

27 Acessível em <www.fluminense.com.br>

28 idem

Em 11 de junho de 1903, o uniforme cinza e branco foi utilizado pela primeira vez. Embora não tenha sido um jogo oficial do Fluminense, mas um desafio entre brasileiros e ingleses no campo do Rio Cricket, em Niterói, os representantes brasileiros, todos sócios e jogadores do Fluminense, usaram o novo uniforme do clube. O time jogou assim: em pé, Mário Rocha, Walter Schuback e Domingos Moitinho. Sentados, Oscar Cox, Emile Etchegaray, Victor Etchegaray, Américo Couto e Louis da Nóbrega. No chão, Horácio da Costa Santos, Edwin Cox e Heráclito de Vasconcellos.



Figura 11 O primeiro jogo com o uniforme cinza e branco
Fonte: Site oficial do Fluminense Football Club²⁹

Em 15 de julho de 1904, o Fluminense adotou suas cores definitivas: verde, branca e grená. Isso aconteceu tendo em vista que, não existindo fábricas de tecido no Brasil à época, o tecido na cor cinza não era encontrado em Londres. Oscar Cox e Mário Rocha, que se encontravam naquela cidade, comunicaram por carta a dificuldade na aquisição do tal tecido nas lojas de artigos esportivos londrinas. Eles sugeriram na carta a combinação tricolor, que, posta em votação, foi aprovada por unanimidade. O novo uniforme, no entanto, só começaria a ser usado no ano seguinte.³⁰

Em 03 de maio de 1906, Fluminense e Paysandu realizam, nas Laranjeiras, a partida de abertura do primeiro Campeonato Carioca de Futebol. O time tricolor, muito melhor, não tomou conhecimento do adversário e goleou por 7x1. Coube ao jogador e um dos fundadores

29 Acessível em <www.fluminense.com.br>

30 Idem

do tricolor Horácio da Costa Santos a autoria do primeiro gol da história do campeonato carioca. Horácio foi o artilheiro daquela competição com 19 gols³¹.

O Fluminense foi o primeiro campeão carioca de futebol. Em 14 de outubro de 1906, o tricolor venceu o Rio Cricket por 4x1 e tornou-se campeão com uma rodada de antecipação. Foram dez jogos disputados entre maio e outubro, com o Fluminense conquistando nove vitórias e apenas uma derrota. Entre os que conquistaram o título carioca estavam, o presidente tricolor, Francis Walter, que jogou cinco partidas como goleiro, e o principal de seus fundadores, Oscar Cox, que disputou duas.³² Escalação (fora de ordem): Waltermán, Victor Etchegaray e Salmond, Buchan, Gulden e Araújo, Osvaldo Gomes, Horácio, Edwin Cox, Emile Etchegaray e Frias.



Figura 12 Time campeão de 1906 – 1º campeão carioca
Fonte: Blog Gustavo Román³³

O Fluminense, carinhosamente chamado de tricolor carioca, foi o maior campeão do Estadual do Rio de Janeiro no século XX. Seu estádio, Presidente Manuel Schwartz, sediou jogos da Seleção Brasileira entre 1919 e 1932. Entre os principais títulos do Fluminense estão a Copa Rio de 1952, os Torneios Rio-São Paulo de 1957 e 1960, o Torneio Roberto Gomes Pedrosa de 1970, o Campeonato Brasileiro de 1984, 2010 e 2012 e a Copa do Brasil de 2007.

31 Acessível em <www.fluminense.com.br>

32 Idem

33 Acessível em <<http://futebolacervo.blogspot.com.br/2010/11/campeonato-carioca-de-1906.html>>

O time mais famoso da história do clube ficou conhecido como a "Máquina Tricolor", liderado por Rivellino no fim da década de 1970.³⁴

4.4 Hinos - do Fluminense Football Club e do Curupaity

O primeiro hino tricolor, criado por Coelho Netto, pai de Preguinho, não caiu nas graças dos tricolores por causa da sua rígida estrutura formal característica da obra do escritor (O Fluminense é um crisol, onde apuramos a energia, ao pleno ar, ao claro sol...) e acabou substituído. O segundo hino do Fluminense (anexo 4.2, pág. 77) foi apresentado na festa do 14º aniversário do clube, em 29 de julho de 1916, e tem a letra e a música de Antônio Cardoso Menezes Filho. (TRIGO, 2014, pag. 183).



Figura 13 Capa do Hino do Fluminense
Fonte: Site oficial do Fluminense Football Club³⁵

Em 1942, a Rádio Nacional lançou o programa “Trem da Alegria”, apresentado pelo compositor Lamartine Babo, famoso por criar marchas de carnaval e por suas músicas para o teatro, juntamente com Héber Bóscoli e Iara Sales. (TRIGO, 2014, pag.233)

O programa fez bastante sucesso e passou a ser apresentado na Rádio Mayrink Veiga, em 1943. E foi no “Trem da Alegria” que Lamartine Babo lançou hinos para 11 clubes de futebol da cidade do Rio de Janeiro, lançando um novo hino a cada semana. (Idem).

O hino do Fluminense (anexo 4.3, pág. 78) foi o único que Lamartine Babo não compôs sozinho, tendo a coautoria do maestro Lyrio Panicali. (ibidem).

34 Acessível em <<http://futebolacervo.blogspot.com.br/2010/11/campeonato-carioca-de-1906.html>>

35 Acessível em <www.fluminense.com.br/história>

João Prego, como Preguinho era chamado na infância, seus irmãos e amigos, criaram o Curupaity FC, cuja sede ficava na residência dos Coelho Netto. Foi criado, inclusive, um hino para o clube (anexo 4.4, pág. 80) escrito por Aarão, um dos jogadores mais velhos que, nos últimos versos, implicava com a constante choradeira e reclamação do seu integrante mais novo. (BARBOSA, 2013, pag. 90)

5 O RIO ANTIGO DE PREGUINHO E DO FLUMINENSE

O capítulo abordou um pequeno retrospecto do Rio antigo, da “La Belle Époque”, da expansão econômica e geográfica da cidade maravilhosa, assim denominada por Coelho Netto em seu livro de contos *A Cidade Maravilhosa* (1928). A própria semana de arte moderna em 1922, em São Paulo, que revolucionou a maneira de se fazer arte no Brasil e, as construções de avenidas, aeroporto, bairros nobres e aumento da população, no Rio de Janeiro, no início e no transcorrer dos anos 1900, foram fatos marcantes para os moradores da cidade. O Fluminense foi fundado nesse período e o atleta Preguinho viveu esta época e vale a pena lembrá-la.

5.1 – *La Belle Époque*

Segundo a pesquisadora e professora Ana Lucia Santana, em artigo intitulado *Belle Époque* (não datado), no site Info Escola³⁶, a Bela Époque foi normalmente inspirada em um período da trajetória francesa na história considerado cheio de *glamour*, de encantamento. Seu início aconteceu no final do século XIX, mais ou menos por volta de 1880, e se estendeu até o início da Primeira Guerra Mundial, em 1914. “Mas, na verdade, não é possível demarcar tão rigorosamente seus limites, uma vez que ela é mais um estado espiritual do que algo mais preciso e concreto”. (SANTANA, *idem*¹).

Aqui no Brasil, este período teve início em 1889, com a Proclamação da República, e foi até 1922, quando surgiu o movimento modernista, com a realização da Semana da Arte Moderna na cidade de São Paulo. A Belle Époque brasileira foi sendo introduzida e se espalhando lentamente pelo país, tendo começado em meados de 1880 e estendendo-se até 1925, quando começou a sofrer a concorrência de novos movimentos culturais. (*Idem*).

Já Clara Miguel Asperti Nogueira (2006)³⁷, em artigo na Revista Contemporânea, intitulado “A vida carioca nos jornais”, apresenta a Belle Époque, ou Bela Époque, como “sendo um período de grande efervescência cultural surgido na França, no final do século XIX, e que se espalharia pela Europa e chegaria ao Brasil, já que muitos artistas brasileiros expunham, trabalhavam e tinham contatos com a França”. Para ela, “a nova tendência cultural

36 Acessível em <<http://www.infoescola.com/autor/ana-lucia-santana/3/>>

37 *Idem* em <www.contemporanea.uerj.br/pdf/ed_07/06CLARA.pdf>

teve influência em várias artes, como na literatura e na pintura, mas também na arquitetura e no que hoje se pode chamar de urbanismo”. (NOGUEIRA, 2006).

Na Belle Époque predominou a ideia do moderno, do novo. Interessou e apaixonou a novidade, a modernidade. Já o considerado antigo, ultrapassado, ficou em segundo plano. Aquele movimento cultural privilegiou a cidade e não mais o campo, com isso promoveu uma mentalidade nova de ordem mundial e Paris passou a ser o local mais propício para as manifestações artísticas e culturais, entre elas o esporte. A Belle Époque foi uma época de ascensão social, já que no Império, havia senhores e escravos: “Com a Belle Époque surge uma classe média de empresários, que vão dar força aos esportes. Essa classe aceita as novidades, incluindo o esporte, que era uma maneira de ser louvado” (Idem).

No Rio de Janeiro, houve profundas mudanças sociais em sua paisagem urbana. Um fato marcante foi a revolta da vacina (1904), que foi ocasionada pelas reformas sanitárias no Rio de Janeiro, que consistiu em medidas como a obrigatoriedade das vacinas e o alargamento das ruas. Essas medidas levaram a derrubada de inúmeros cortiços na área urbana das cidades, o que contribuiu para o surgimento de algumas favelas na cidade e as revoltas de populares. (FCTEWEB/CECIERJ)³⁸.



Figura 14 O Aterro do Flamengo recém-inaugurado
Fonte: Acervo O Globo³⁹

A expansão geográfica e demográfica da cidade foi outro ponto forte dessas mudanças com a criação de bairros da classe média carioca, como a região do Grande Méier e de outras áreas nobres, como alguns bairros da Zona Sul carioca, tais como Glória, Catete, Botafogo e Copacabana, cuja ocupação da área se deu definitivamente com a inauguração do Túnel

38 Acessível em <<https://fcteweb.wordpress.com/category/belle-epoque>>

39 Idem em <www.oglobo.com.br/acervo>

Velho. A cidade também ganhou inúmeras linhas de bonde na região central, como as linhas de Santa Teresa. (Idem).



Figura 15 Antigo bonde de Santa Tereza
Fonte: Rio antigo⁴⁰

Um dos símbolos da Belle Époque na cidade foi a inauguração do *Theatro Municipal*, em 1909, cujo interior abriga as pinturas de Eliseu Visconti, Henrique Bernardelli e Rodolfo Amoedo. O artista Eliseu Visconti, por exemplo, concluiu sua formação na França, em plena Belle Époque, onde absorveu as influências do impressionismo, do simbolismo, do *art-nouveau* e do pontilhismo (técnica de pintura e desenho em que as imagens são definidas por pequenas manchas ou pontos), estilos presentes em suas pinturas decorativas do Theatro. Também nesse período nasceu um dos cartões postais da cidade, o teleférico do pão de açúcar, em 1912. (Ibidem).



Figura 16 Theatro Municipal – 1909
Fonte: Wikipedia⁴¹



Figura 17 Pão de Açúcar - 1912
Fonte: Wikipedia

Outro ícone do rio antigo foi a construção (1909 – 1914) do Palácio Laranjeiras, um palácio carioca bem dentro do estilo século 19, onde diversas tendências se misturaram: do Luís XIV ao rococó e do Império ao *art nouveau*. A construção foi inspirada no Cassino de

40 Acessível em <www.riodejaneiroaqui.com/portugues/b-santa-teresa-bonde.html>

41 Acessível em <http://pt.wikipedia.org/wiki/Belle_Époque>

Mônaco de Charles Garnier (o arquiteto da Ópera de Paris), e muito de nossa história republicana foi ali vivida e escrita. O Palácio das Laranjeiras foi tombado pelo Patrimônio Histórico do Estado do Rio de Janeiro (processo nº E-03/31.276/78, tombamento definitivo em 08 de fevereiro de 1979. (BARBOSA, 2010)⁴²



Figura 18 Palácio Laranjeiras
Fonte: O Globo⁴³

Foi no Palácio Laranjeiras que o vice-presidente Café Filho se refugiou quando Getúlio Vargas se matou em 1954 e onde Juscelino morou enquanto Brasília era construída (1959/1960). Já João Goulart instalou por lá um consultório odontológico e viveu a angústia de seus últimos dias antes do governo militar (1963/1964). Na sala Regência, Costa e Silva anunciou, em 1968, o AI-5, instrumento mais contundente do regime militar, e, um ano depois, no mesmo lugar, teve seu corpo velado. Já Leonel Brizola (1983/1987), recebeu índios xavantes encantados com a beleza do lugar e reclamava dos bois representados nas pinturas dos murais por não se parecerem com os de sua fazenda no Uruguai. (idem)

Naquele período aconteceram diversas mudanças, principalmente quando se tratou de tecnologia. Muito do que aconteceu, como a invenção do telefone, do telégrafo sem fio, do cinema, do avião e do automóvel, inspirou a todos com novas percepções da realidade. Paris, com os balés, livrarias, óperas, teatros e diversas expressões de cultura, foi considerada o centro produtor e exportador de cultura mundial. Estes ambientes tornaram-se, nesta época, muito comuns na rotina dos burgueses e apenas eles tinham acesso ao mundo da arte. (PETRIN, 2014)⁴⁴

Na arte, o estilo *Art Nouveau* (arte nova, em português) foi comum nesta época. Suas características envolvem a valorização das cores vivas, curvas sinuosas que se baseavam nas

42 Acessível em <<http://vida-estilo.estadao.com.br/noticias/>>

43 Idem em <oglobo.globo.com/laurojardim>

44 Idem em <<http://www.estudopratico.com.br/belle-epoque/>>

formas das plantas, animais e mulheres, além dos ornamentos. As principais obras deste estilo são fachadas de edifícios, vitrais, joias, móveis e portões. (Idem)⁴⁵.

Com o desenvolvimento tecnológico da comunicação, e também da eletricidade, juntamente com o crescimento urbano, surgiu a cultura da diversão. Os cabarés, o Cancan (a dança originada da quadrilha e da polca), e o cinema haviam surgido, e era comum que artistas se expressassem misturando o Impressionismo e a *Art Nouveau*. A *Belle Époque* também foi representada na cultura urbana que tinha como finalidade o divertimento, e foi incentivada pelo desenvolvimento dos meios de transporte e comunicação. (ibidem)

Neste ambiente cultural, era possível encontrar a mistura do elemento erudito com elementos de classes baixas. A indústria do divertimento foi possível graças à eletricidade e à diminuição das horas de trabalho, permitindo que os trabalhadores desfrutassem dela. Os Parques e os cinemas transformaram-se então em locais de diversão em massa, porque os ingressos tinham baixo custo, e permitiam que todos saíssem de suas tristes e conturbadas realidades cotidianas. (Ibidem).

O Rio de Janeiro era a capital mais desenvolvida do Brasil e exemplo para as demais. Só que desenvolvimento tinha um custo, pois juntamente com ele vinham as mazelas de um crescimento sem planejamento. (MILAGRE e TABATHA, 2013)⁴⁶

O crescimento do Rio de Janeiro foi muito grande, a ponto de *Sevcenko* (1999, p. 52) afirmar que “[...] a maior cidade brasileira veria sua população no período de 1890 a 1900 passar de 522. 651 habitantes para 691. 565 habitantes, numa escala impressionante de 33% de crescimento (3% ao ano)”. Realmente, são números impressionantes, mas que apresentavam, por trás, uma situação trágica. (Idem).

No campo da comunicação tivemos o pioneirismo da rádio Mayrink Veiga. Fundada em 21 de janeiro de 1926, a Rádio Sociedade Mayrink Veiga foi um dos berços da Era do Rádio. Desde o fim dos anos 20, e, principalmente, após o radialista César Ladeira assumir sua direção artística, em 1933, a emissora abriu seus microfones para os maiores craques da Música Popular Brasileira da época: Francisco Alves, Silvio Caldas, Vicente Celestino, as irmãs Carmen e Aurora Miranda, Noel Rosa, Gastão Formenti, Carlos Galhardo e Moreira da Silva, entre outros.⁴⁷

45 Acessível em <<http://www.estudopratico.com.br/belle-epoque/>>

46 Acessível em <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/historiaemcurso/article/view/5337/pdf>>

47 Acessível em <<http://acervo.oglobo.globo.com/rio-de-historias/>>

Ao longo da década de 1930, a emissora transmitiu programas que marcaram época na história do rádio no Brasil, como "Canção do dia", com Lamartine Babo; "Trem da alegria", com Lamartine Babo, Iara Sales e Heber de Boscoli (de onde surgiram os hinos populares dos clubes cariocas, inclusive o do Fluminense), "Picolino", com Barbosa Junior; "Horas do outro mundo", com Renato Murce, e o "Programa Casé", com Ademar Casé, entre outros. (ibidem)

Em 1962, a rádio Mayrink Veiga participou da chamada Cadeia da Legalidade (uma rede de rádios organizada por Leonel Brizola para defender a democracia), o que serviu como justificativa para o regime militar fechá-la em 1965. (ibidem)

Na antiga Capital Federal foi construído um dos poucos aeroportos do mundo instalados no coração de uma cidade. O Santos Dumont foi idealizado pelo urbanista francês Alfred Agache, no início dos anos 30. O Rio era capital federal e não dispunha de um aeroporto que atendesse as suas necessidades. A opção foi aproveitar uma área na Ponta do Calabouço, no Centro da cidade, onde atracavam os hidroaviões de rotas nacionais e internacionais.⁴⁸



Figura 19 Aeroporto Santos Dumont
Fonte: Google⁴⁹

As obras começaram em 1934 e incluíram a ampliação do aterro em mais 370 mil metros quadrados, com o uso de mais de 2,7 milhões de metros cúbicos de areia, além da construção de uma muralha de contenção. Em setembro de 1935, os primeiros aviões, de pequeno porte, começaram a utilizá-lo, na pista de 400 metros. A inauguração oficial do primeiro aeroporto civil do país aconteceu em 30 de novembro de 1936, já com o nome de Aeroporto Santos Dumont. Sua pista tinha, então, 700 metros. (idem)

48 Acessível em <<http://acervo.oglobo.globo.com/rio-de-historias/>>

49 Idem em Google <www.flickr.com>

Foi nos anos 1930 que aconteceu um dos fatos marcantes da política nacional: Getúlio Dornelles Vargas pôs fim à República Velha. Nunca ninguém exerceu o poder no Brasil republicano por tanto tempo como ele. Vargas chegou ao poder no dia 24 de outubro, quando o movimento revolucionário, que chegou ao auge em 03 de outubro no Rio Grande do Sul, tornou-se vitorioso. O presidente Washington Luís foi deposto, e Vargas assumiu o cargo de presidente provisório a 03 de novembro do mesmo ano.⁵⁰

Inicialmente, foram 15 anos como chefe do Governo Provisório (1930-1934), presidente eleito pela Assembleia Nacional Constituinte (1934-1937) e ditador sob o Estado Novo (1937-1945). Nesse longo período foram montadas as bases da infraestrutura que o país usou e ampliou nas décadas seguintes, baseada no capitalismo estatal e no alto custo das liberdades limitadas, porém, com o tempero do apoio popular. (idem)



Figura 20 Getúlio e o inseparável charuto
Fonte: O Globo⁵¹

A criação da Justiça do Trabalho, a carteira assinada, a jornada de oito horas e o voto feminino, entre outras numerosas conquistas sociais e trabalhistas, tiveram como contraponto a censura à imprensa, a propaganda do regime inspirada no nazi fascismo e o culto à personalidade do estadista amado pelo povo. (ibidem)

O Cristo Redentor, idealizado desde 1850, abriu oficialmente seus braços sobre a antiga cidade às 11h15m de 12 de outubro de 1931. Desde a parte da manhã, uma verdadeira multidão começou a se dirigir para o alto do Corcovado, tentando se aproximar o máximo

50 Acessível em <<http://acervo.oglobo.globo.com/rio-de-historias/>>

51 Idem

possível da estátua de 30 metros de altura, fixada sobre uma base de oito metros de largura, cuja construção começou cinco anos antes. (ibidem)



Figura 21 O Cristo Redentor

Fonte: O Globo⁵²

Acompanhado de outros religiosos, o cardeal-arcebispo do Rio de Janeiro, dom Sebastião Leme, embarcou no primeiro trem que deixou a estação da Estrada de Ferro do Corcovado. Na viagem seguinte, Getúlio Vargas, chefe do Governo Provisório, subiu acompanhado de ministros e outras personalidades. (ibidem)

O Maracanã, o estádio onde Preguinho nunca jogou, começou a sua história em meados dos anos 40. Em 1946, o Brasil foi escolhido como sede da Copa do Mundo. Dois anos depois, foi iniciada a construção. Até o fim da década, a obra do estádio funcionou como se um templo estivesse sendo erguido em nome da esperança de sermos campeões do mundo. Os amantes do futebol compreendiam o que representavam as obras do Maracanã na vida da cidade, do carioca e do brasileiro em geral. Aquela esperança, que infelizmente não se confirmou, seria a prova da capacidade de realização da nossa engenharia e da mão de obra brasileiras.⁵³

Em 29 de outubro de 1947, a Câmara aprovou o projeto relativo à construção do estádio, de autoria dos arquitetos Antônio Augusto Dias Carneiro, Orlando Azevedo, Pedro Paulo Paiva e Rafael Galvão. Um mês depois o prefeito Mendes de Moraes autorizou o início das obras. Foi liberada a venda de 30 mil títulos de cadeiras cativas para financiamento da construção. Em 20 de janeiro de 1948 foi lançada a pedra fundamental. No ano seguinte em visita ao Rio, o então presidente da Fifa, Jules Rimet, um dos maiores incentivadores da

52 Acessível em <<http://acervo.oglobo.globo.com/rio-de-historias/>>

53 Idem

escolha do Brasil para sede da Copa, comparou a obra à construção do Coliseu de Roma. (idem)



Figura 22 Construção do Maracanã
Fonte: Google⁵⁴

Com capacidade para 200 mil pessoas, o que representava 10% da população do Rio em 1950, o Maracanã foi tudo que o Brasil fez para organizar a Copa do Mundo. Nada mais foi pedido. Não houve exigência da Fifa em relação a transportes, hotéis, comunicações ou mesmo estádios. Como a Segunda Guerra Mundial havia terminado há pouco tempo, o presidente da entidade máxima do futebol defendeu com muito empenho a candidatura do Brasil, temendo que, por falta de candidatos, o seu campeonato mundial acabasse sendo esquecido. (idem)



Figura 23 Brasília em construção
Fonte: Google⁵⁵

54 Acessível em <blogs.diariodepernambuco.com>

55 Acessível em <<http://www.infoescola.com/historia-do-brasil/construcao-de-brasilia/>>

O sonho do presidente Juscelino Kubitschek em transferir a capital do país para o centro-oeste, mais precisamente para Brasília, para povoar a região central do Brasil, demorou quase quatro anos. As obras começaram em novembro de 1956, após a lei nº 2.874, ter sido sancionada. Porém, depois de três anos a maioria dos seus principais edifícios estava pronta, dentre os quais o Palácio da Alvorada, primeiro prédio da capital construído em concreto armado. A primeira construção em estrutura metálica, material importado trazido dos Estados Unidos, foi o Brasília Palace Hotel.⁵⁶

Na manhã do dia 21 de abril de 1960, ao fechar os portões do Palácio do Catete e rumar para a Brasília, o presidente Juscelino Kubitschek encerrou um longo período de influência da cidade do Rio na vida econômica, política e administrativa do país. Esse período havia começado em 1763 e terminou justamente com a transferência da capital para a região Centro-Oeste. Além do poder, o Rio, deixou de ser a capital federal e perdeu dinheiro e prestígio. A Cidade Maravilhosa ganhou alguma autonomia política, mas mergulhou num grande processo de esvaziamento econômico. (idem)

A mudança para Brasília, concebida em 19 de setembro de 1956, quando Juscelino sancionou a lei que fixava os limites do futuro Distrito Federal e autorizou o governo a instituir a Companhia Urbanizadora da Nova Capital (Novacap), não foi de uma hora para outra, mas autarquias e funcionários públicos tiveram que se transferir gradativamente. Um bom exemplo é o Banco Central. Criado em 1964, pelo regime militar, ficou por alguns anos no Rio, até que a direção e a maioria dos departamentos também foram levados para a nova capital. Os empresários preferiram ficar perto do poder e com isso dezenas de empresas se transferiram para Brasília. Com os bancos aconteceu diferente e a preferência recaiu sobre São Paulo, que já se consolidara como a maior metrópole do país. (ibidem)

Ao deixar de ser capital, o Rio virou uma cidade-estado, o estado da Guanabara. Mas a sonhada autonomia política caiu por terra no regime militar. As verbas federais minguaram e o dinheiro do setor de serviços - oriundo, principalmente, da classe média formada pelos funcionários públicos - também ficou escasso. Em 1974, o então presidente Ernesto Geisel sancionou a lei da fusão, unindo a ainda rica Guanabara ao Estado do Rio, que sobrevivia a duras penas, com uma economia basicamente ancorada na agricultura e aumentou a penúria. (ibidem)

56 Acessível em <<http://acervo.oglobo.globo.com/rio-de-historias/>>

Na madrugada do dia 01 de outubro de 1979 morreu João Coelho Netto, o Preguinho, que contava 74 anos de “tricoloridade”, de insuficiência pulmonar, em sua residência na Rua das Laranjeiras, ao lado do clube que tanto amou. (BARBOSA, 2013, pag.157).

6 CRONOLOGIA

Tendo como base de pesquisa o livro “Preguinho – Confissões de um Gigante”, de Waldir Barbosa Jr., edição do autor, 2013; em dados existentes no site oficial do Fluminense FC; e, ainda, em fatos históricos de conhecimento público, buscou-se a apresentação, em ordem cronológica, da sucessão de acontecimentos que influenciaram a vida de João Coelho Netto, o Preguinho:

1902 – Fundação do Fluminense Football Club.

1903 – O Escritor Coelho Netto e família mudam-se para o bairro das Laranjeiras.

1905 – Nasce, no dia 08 de fevereiro de 1905, o décimo segundo filho de Henrique Maximiano Coelho Netto e de Maria Gabriela Brandão Coelho: João Coelho Netto que mais tarde atenderia pelo apelido famoso de Preguinho.

1912 – Os irmãos Emmanuel, o Mano, Georges e alguns amigos fundam o *Club Atlético Guanabara*. Neste mesmo ano sagram-se campeões da segunda divisão da Liga Metropolitana.

1914 – Início da Primeira Guerra Mundial. Em 21 de julho o Brasil faz sua primeira partida de futebol, contra o *Exeter City*, da Inglaterra, no campo das Laranjeiras. Oswaldo Gomes, do Fluminense e grande amigo de Preguinho, faz o primeiro gol de seleções brasileiras e o Brasil vence por 2 a 0.

1915 – Após o fim do Guanabara, Mano e Georges ingressam no Fluminense, levados pelo diretor da seção de futebol infantil Augusto Tota Rodrigues. Foi fundado o *Sport Club Curupaity* por Euclides Joaquim da Silva, o Cuca, também vindo do extinto Guanabara, para contemplar os menores deles fazendo parte Preguinho e Paulo. A sede ficava na residência dos Coelho Netto. Os jogos eram realizados no campo alugado ao Clube Paysandu, em Laranjeiras.

1916 – Preguinho e seu irmão Paulo filiam-se ao Fluminense e sagram-se campeões logo no primeiro ano de disputa do primeiro campeonato infantil de futebol da cidade.

1917 – Preguinho e Paulo sagram-se bicampeões infantis de futebol. É registrado por Donga (Ernesto dos Santos) e Mauro de Almeida o samba “Pelo Telefone”, o primeiro a ser gravado no Brasil.

1918 – Termina a Primeira Guerra Mundial.

1922 – Em meados de fevereiro é lançada a Semana de Arte Moderna que revolucionou o conceito de arte vigente até então. No dia 30 de setembro falece o irmão mais velho, Emmanuel Coelho Netto, o Mano, jogador do Fluminense, vítima de uma pancada no abdômen.

1925 – Em 19 de abril torna-se campeão de mar e terra vencendo prova de natação de 600 metros livre na piscina do Clube de Regatas Guanabara, defendendo o próprio Guanabara, e depois disputando a final do Torneio-início no estádio das Laranjeiras, marcando os dois gols da vitória e ajudando o Fluminense a tornar-se campeão. Em 26 de abril, jogando contra o Bangu, faz sua estreia nos quadros principais do futebol do Fluminense. Ainda neste ano, compete em duas provas de atletismo de 1.500 metros, vencendo as duas e sagrando-se campeão carioca em uma delas.

1927 – Recebe o diploma de Benemérito do Fluminense.

1929 – O famoso *Crash* da bolsa de valores americana. Tem início a crise econômica mundial. Preguinho recebe do Fluminense o diploma de Benemérito Atleta.

1930 – Tem início a Revolução de 30 com Getúlio Vargas assumindo o poder. A delegação brasileira de futebol segue de navio para Montevidéu, onde o Brasil estreia dia 14 de julho, contra a Iugoslávia, no estádio Parque Central, sendo derrotado por 2 a 1. Preguinho faz o único gol brasileiro aos dezessete minutos do segundo tempo, o primeiro gol do Brasil em Copas do Mundo. A seleção brasileira conclui sua participação no dia 20, no estádio Centenário, goleando a Bolívia por 4 a 0, com dois gols de Preguinho.

1931 – Falece Dona Gaby, mãe de Preguinho.

1933 – No dia 16 de abril de 1933 o Fluminense faz seu primeiro jogo com um time de profissionais, contra a equipe do Corinthians, com o placar final de 4 a 4.

1934 – Promulgação da 3ª Constituição Brasileira; Morre no dia 28 de novembro, vítima de enfarte, Henrique Maximiano Coelho Netto, pai do craque tricolor.

1937-38 – Participa do campeonato carioca a convite dos profissionais e do campeonato carioca amador, sagrando-se campeão em ambos. Em 1938 faz sua última partida oficial pelo Fluminense, em Niterói, marcando neste jogo seu último gol oficial.

1939 – Tem início a Segunda Grande Guerra Mundial.

1943 – Assume o cargo de diretor social do Fluminense.

1944 – Aposenta-se do IPASE e assume o cargo de diretor de futebol do tricolor.

1945 – Termina a Segunda Guerra. Getúlio Vargas deixa o poder, que é assumido por José Linhares, em período provisório.

- 1946** – É eleito de forma direta Eurico Gaspar Dutra para a presidência da República.
- 1949** – O Fluminense recebe a Taça Olímpica por sua contribuição ao esporte.
- 1950** – O Brasil sedia a Copa do Mundo de Futebol e perde a final para o Uruguai por 2 a 1.
- 1951** – Getúlio Vargas é eleito de forma direta presidente da república.
- 1952** – No dia 22 de janeiro recebe do Fluminense o diploma de Grande Benemérito Atleta, e nesta data profere a tão famosa frase: “Eu nem sabia falar direito e o Fluminense já estava em minha alma, em meu coração e em meu corpo.” O Fluminense sagra-se campeão da Copa Rio, competição mundial interclubes.
- 1954** – Morre Getúlio Vargas.
- 1955** – Preguinho encerra a carreira como diretor de futebol.
- 1956** – Atua como coordenador dos Jogos da Primavera e dos Jogos Infantis do Fluminense.
- 1958** – O Brasil sagra-se campeão mundial de futebol pela primeira vez, na Suécia, com o surgimento do gênio chamado Pelé.
- 1960** – Brasília é inaugurada passando a ser o novo Distrito Federal e a capital do país, no lugar do Rio de Janeiro.
- 1961** – Jânio Quadros assume a presidência da República, mas renuncia meses depois, assumindo o seu vice, João Goulart, o cargo de presidente.
- 1962** – O Brasil torna-se bicampeão mundial de futebol, no Chile, com o ponta-direita Garrincha assumindo o protagonismo após contusão de Pelé.
- 1964** – João Goulart é deposto do cargo de presidente do Brasil e é instituído no Brasil o regime militar. O Fluminense é campeão carioca em final contra o Bangu.
- 1970** – O Brasil torna-se tricampeão mundial de futebol no México e toma posse em definitivo da Taça Jules Rimet. Preguinho recebe em maio a Medalha de Honra ao Mérito, no grau de Cavaleiro, conferida pela Presidência da República, e em 11 de novembro o diploma de Grande Benemérito do Fluminense. O clube tricolor torna-se, pela primeira vez, campeão brasileiro.
- 1972** – No dia 30 de setembro o Fluminense homenageia Mano, irmão de Preguinho, inaugurando uma placa de bronze em sua sede, pelo cinquentenário da sua morte.
- 1973** – Preguinho recebe o título de Cidadão Benemérito do Estado da Guanabara, conferido pela Assembleia Legislativa do Estado.
- 1975** – Ocorre a fusão dos estados da Guanabara e do Rio de Janeiro, adotando-se este nome como o de todo território fluminense, permanecendo como capital o município do Rio de Janeiro, antigo Distrito Federal.

1978 – O general João Baptista de Oliveira Figueiredo é eleito de forma indireta para governar o país e tem início o processo de abertura política, com a redemocratização do Brasil.

1979 – Morre Preguinho. João Coelho Netto falece na madrugada do dia 1º de outubro, aos 74 anos de idade, de insuficiência pulmonar, em sua residência, na Rua das Laranjeiras.

7 CONCLUSÃO

Procurou-se trazer à luz, com esse trabalho, o personagem João Coelho Netto, o Preguinho, que além de ser o grande símbolo da história esportiva do Fluminense Football Club, destacou-se na seleção brasileira de futebol. Escolhido para ser o primeiro capitão do selecionado brasileiro, foi o autor do gol número 1 da seleção, contra a Iugoslávia, na primeira Copa do Mundo, no Uruguai.

Além do bom relacionamento com a família, pode-se constatar uma imensa admiração pelo irmão Emmanuel, o Mano, falecido precocemente aos 24 anos de idade.

No clube e na memória dos torcedores mais antigos, os feitos de Preguinho como atleta ainda são lembrados e destacados no busto em sua homenagem na entrada do clube, no nome dado ao ginásio poliesportivo e na placa que aponta sua condição de benemérito-atleta.

Ao longo do trabalho observou-se que Preguinho sempre fazia questão de enaltecer o Fluminense - um exemplo marcante está no fato de que, sempre que ouvia alguém dizer ser um tricolor doente, ele rebatia, prontamente: “Não diga isso meu filho, o Fluminense só tem torcedor sadio”.

Preguinho está marcado também como importante figura ativa na política do clube que amava. Ele continuou atuante no Conselho Deliberativo, até a morte, em 1979. A sua grande força, a sua nítida liderança estava ligada ao glorioso passado de atleta, reconhecido por todas as fontes e colaboradores dessa pesquisa, como o maior atleta de todos os tempos da rica história do Fluminense Futebol Clube.

8 REFERÊNCIAS

AFFONSO, Argeu. Depoimento em: 06 abril 2016. Rio de Janeiro. Monografia. Entrevista concedida a Luiz Moura.

ARAGÃO, Claudio. A história do Fluminense em cordel. Editora Bom Texto, 2002.

BARBOSA Junior, Waldir. Preguinho Confissões de um gigante. Edição do autor, 2013.

BARBOSA, M. I. A vida na belle époque carioca. O Estado de S. Paulo, São Paulo, 04 abr. 2010. Caderno Casa e Decoração. Disponível em: <<http://vida-estilo.estadao.com.br/noticias/casa-e-decoracao,a-vida-na-belle-epoque-carioca,532023>>. Acesso em: 15 março 2016.

BEZERRA, Eliezer. Coelho Netto e a onda modernista. Editora Italo-Latino-Americana PALMA, 1982. Consultado em: 05 abril 2016 (Biblioteca Nacional).

BLOG Jornalheiros – Blog do PC Filho – Craque Preguinho, de autoria de PC Filho, com a colaboração de Natália Linha. Rio, 24 setembro 2009. Disponível em: <<http://jornalheiros.blogspot.com.br/2009/09/craque-preguinho.html>>. Acesso em: 15 mar 2016.

BONDE de Santa Tereza. [Foto]. Disponível em: <www.riodejaneiroaqui.com/portugues/b-santa-teresa-bonde.html>. Acesso em: 29 abril 2016.

COELHO, Eduardo. 1952 Fluminense campeão do mundo. Maquinária Editora, 2012.

CORRÊA, Dinacy Mendonça. Da Literatura Maranhense: romance e romancistas do Século XX – tese de doutorado em Ciência da Literatura-UFRJ-2014, sob a orientação da Prof^ª. Dra. Martha Alkmin de Araújo Vieira (inédita). São Luís, MA, 29 dezembro 2014. Disponível em: <<http://blog.jornalpequeno.com.br/dinacycorrea/2014/12/coelho-neto>>. Acesso em: 14 abril 2016.

CARUSO, Chico. CRISTO REDENTOR. Charge. O Globo [acervo digital]. Acessível em <<http://acervo.oglobo.globo.com/rio-de-historias/>>. Acesso em 29 abril 2016.

FLUMINENSE FOOTBALL CLUB. Site Oficial. Disponível em <www.fluminense.com.br>. Acesso em 24 maio 2016.

FLUZÃO INFO. Site. Disponível em: <<http://www.fluzao.info/>>. Acesso em 22 abril 2016.

FONSECA, Artur. O futebol foi inventado na Inglaterra. Revista Superinteressante. Novembro de 2009, Edição 271a. Disponível em: <<http://super.abril.com.br/ciencia/o-futebol-foi-inventado-na-inglaterra>>. Acesso em: 29 abril 2016.

FUNDAÇÃO CECIERJ. Consórcio CEDERJ. BLOG da FCTEWEB/CECIERJ/Alunos. Formação continuada em tecnologias educacionais na web. Rio Belle Époque. Rio, 21 out 2013. Disponível em: <<https://fcteweb.wordpress.com/category/belle-epoque/>>. Acesso em: 15 mar 2016.

GLOBO.com – Baú do Esporte – Linha do tempo – 100 anos de Fla x Flu, sem data. Disponível em: <<http://globoesporte.globo.com/>>. Acesso em 15 março 2016.

KUPFER, José Paulo. “O supercampeão de todos os tempos”. Revista do Fluminense, nº 142. Rio de Janeiro, ago. 1969.

LITERATURA de Arquibancada. Disponível em: <<http://www.literaturanaarquibancada.com/2012/05/mano-o-livro-da-saudade.html>> Acesso em 15 abril 2016.

MARACANÃ em construção. Foto pesquisada no Google. Disponível em: <<blogs.diariodepernambuco.com>>. Acesso em 05 maio 2016.

MILAGRE JUNIOR, S. L. e FERNANDES, T. de F., 2013. “A Belle Époque Brasileira: as transformações urbanas no Rio de Janeiro e a sua tentativa de modernização no século XIX”. Disponível em: <periodicos.pucminas.br/index.php/historiaemcurso/article/.../5337/pdf>. Acesso em 15 março 2016.

MOTTA, Nelson. Fluminense – A breve e gloriosa história de uma máquina de jogar bola. Ediouro, 2005.

NAPOLEÃO, Antonio Carlos. Fluminense Football Club: história, conquistas e glórias no futebol, 2003, Mauad Editora.

NERES, Jose. Escritor e professor. Membro da Academia Maranhense de Letras. Disponível em: <www.academiamaranhense.org.br/?p=1072>. Acesso em 08 março 2016.

NETTO, Coelho. A Conquista. Romance. Visita à Biblioteca Nacional.

NETTO, Emmanuel Coelho. Foto. Disponível em: <<http://static.fluminense.com.br/site/futebol/wp-content/uploads/2014/04/Mano.jpg>>. Acesso em: 08 março 2016.

NETTO, Mauricio Coelho. 1979. pág. 13. Revista do Fluminense, nº 195, jan/fev/1979.

NETTO, Paulo Coelho. O Fluminense na intimidade. Vols. I e II, Editora Minerva, 1ª edição, 1969.

_____. O Fluminense pitoresco e dramático. Editora Minerva, 1969.

NISKIER, Arnaldo. Academia Brasileira de Letras. Pronunciamento. Disponível em: <<http://www.academia.org.br/artigos/coelho-neto-e-modernidade>>. Acesso em 08 março 2016.

NOGUEIRA, Clara Miguel Asperti. A vida carioca nos jornais: Gazeta de Notícias e a defesa da crônica. Revista Contemporânea (UERJ. Online), v. 07, p. 45-55, 2006. Disponível em: <www.contemporanea.uerj.br/pdf/ed_07/06CLARA.pdf>. Acesso em: 18 abril 2016.

O GLOBO. A história de todas as copas (II) – Uruguai, 1930 – Tensão, surpresas e euforia. Acervo digital. 21Dez.1981. Disponível em: <<http://acervo.oglobo.globo.com/>>. Acesso em: 18 fevereiro 2016.

_____. Curadoria do jornalista José Casado. Disponível em : <<http://acervo.oglobo.globo.com/rio-de-historias/inauguracao-de-brasilia-encerra-ciclo-de-dois-seculos-de-poder-do-rio-de-janeiro-8929190#ixzz47pBr69AH>>. Acesso em: 05 maio 2016.

_____. Curadoria do jornalista João Máximo. Disponível em: <<http://acervo.oglobo.globo.com/rio-de-historias/?decada=1940>>. Acesso em 05 maio 2016.

_____. Curadoria do jornalista George Vidor. Disponível em: <<http://acervo.oglobo.globo.com/rio-de-historias/lider-da-revolucao-de-30-getulio-vargas-chega-ao-poder-8890398#ixzz47F7BsiSL>>. Acesso em: 05 maio 2016.

_____. Curadoria do jornalista Luiz Paulo Horta. Disponível em: <<http://acervo.oglobo.globo.com/rio-de-historias/>> – Acesso em 05 maio 2016.

PERCY, Allan. Nietzsche para estressados. Editora Sextante, 2009.

PEREIRA, Luiz Carlos. Depoimento (Março/2016). Func. Flu Memória. Rio de Janeiro: Monografia. Entrevista concedida a Luiz Moura.

PETRIN, Natália. 2014. Artigo. Disponível em: <<http://www.estudopratico.com.br/belle-epoque/>>. Acesso em: 18 fevereiro 2016.

PINHO, Adeíto Manoel (2009). "O Sistema Literário de "A Conquista"" (PDF). Revista Literatura em Debate V.3, n.4, p. 109-128. Disponível em: <revistas.fw.uri.br/index.php/literaturaemdebate/article/viewFile/468/850>. Acesso em: 14 abril 2016.

REVISTA DO FLUMINENSE FC – Suplemento especial “Centenário de Coelho Netto”, de fevereiro de 1964.

_____. n° 195, de jan./fev. 1979.

_____. n° 199, de set./out. 1979.

REVISTA PLACAR. Preguinho, o atleta mais completo do século, sem autor. Disponível em: <revistaplacar.uol.com.br>. Acesso em: 12 fevereiro 2016.

RODRIGUES, Nelson. O profeta tricolor – Cem anos de Fluminense. Editora Companhia das Letras, 2002.

_____. Personagem da Semana (Preguinho). O Globo, dia 06.01.1975, pag. 27.

ROMÁN, Gustavo. Escalação do time campeão de 1906. Blog de Gustavo Román. Disponível em: <<http://futebolacervo.blogspot.com.br/2010/11/campeonato-carioca-de-1906-o-fluminense.html>>. Acesso em 04 maio 2016.

RONDINELLI, Paula. "Fluminense"; Brasil Escola. Disponível em <<http://brasilecola.uol.com.br/educacao-fisica/fluminense.htm>>. Acesso em: 08 março 2016.

ROSA, Juliana P. e NEVES, Maria Cândida F. A. (Nov/2010). "A construção literária no Brasil República e a formação do caráter nacional a partir da obra de Lima Barreto" (PDF). Docentes FSD - ISSN: 2177-0441 – Número 2. Disponível em: <revistatessituras.com.br/arquivo/a_construcao_literaria.pdf>. Acesso em: 14 abril 2016.

SANTANA, Ana Lúcia. A Belle Époque. Texto. InfoEscola. Disponível em: <www.infoescola.com>. Acesso em: 12 fev 2016.

SANTOS DUMONT, Aeroporto. Foto. Pesquisa Google. Disponível em: <www.flickr.com>. Acesso em: 05 maio 2016.

SELO comemorativo ao centenário de Coelho Netto. Fonte: Wikipedia. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Coelho_Neto_1964_Brazil_stamp.jpg>. Acesso em: 18 março 2016.

SILVA, Beto. O dia em que me tornei...Fluminense. Editora Panda Books, 2011.

SITE TERRA. Seção Esportes/Fluminense. Disponível em: <www.terra.com.br>. Acesso em: 02 março 2016.

TRIGO, Sergio. Bíblia do Fluminense. Editora Prime Books, 2014.

UNZELTE, Celso. Futebol: A regra não é clara, jun.2002, Edição176a, Revista Superinteressante. Disponível em: <<http://super.abril.com.br/ciencia/futebol-a-regra-nao-e-clara>>. Acesso em 18 março 2016.

UOL Biografias. Preguinho. Esportes. Disponível em: <esporte.uol.com.br>. Acesso em: 12 fevereiro 2016.

VERAS, Murilo Moreira. Comentário no livro de Eliezer Bezerra sobre Coelho Netto, Editora Italo-Latino-Americana PALMA, 1982.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 Preguinho, a lenda tricolor	10
Figura 2 Selo comemorativo ao Centenário de nascimento do escritor Coelho Netto	12
Figura 3 Preguinho e o seu instrumento de trabalho	23
Figura 4 Emmanuel Coelho Netto, o Mano	26
Figura 5 Convite para a fundação (frente e verso)	32
Figura 6 Oscar Cox, o fundador	32
Figura 7 O Primeiro escudo (original).....	33
Figura 8 Lista de fundadores do Fluminense	34
Figuras 9 e 10 Comentários e súmula 1º jogo – 1902	35
Figura 11 O primeiro jogo com o uniforme cinza e branco	36
Figura 12 Time campeão de 1906 – 1º campeão carioca	37
Figura 13 Capa do Hino do Fluminense	38
Figura 14 O Aterro do Flamengo recém-inaugurado	41
Figura 15 Antigo bonde de Santa Tereza	42
Figura 16 Theatro Municipal – 1909	42
Figura 17 Pão de Açúcar – 1912	42
Figura 18 Palácio Laranjeiras	43
Figura 19 Aeroporto Santos Dumont	45
Figura 20 Getúlio e o inseparável charuto	46
Figura 21 O Cristo Redentor	47
Figura 22 Construção do Maracanã	48
Figura 23 Brasília em construção	48

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 Livros escritos por Coelho Netto	15
Tabela 2 Os últimos dez jogos de Mano no Fluminense	27

ÍNDICE DE ANEXOS

Anexo 1: Entrevistas.....	63
Anexo 2: Artigo.....	68
Anexo 3: Poema e Conto.....	73
Anexo 4: Hinos.....	75
Anexo 5: Reportagem.....	81

ANEXOS

Anexo 1 - Entrevistas

1.1 Entrevista com o jornalista Argeu Affonso, em 23/03/2016.

1 – Sr. Argeu, Preguinho assinou mesmo um contrato no valor de 1 tostão, em dinheiro de 1933, para poder jogar esporadicamente nos profissionais?

- Não assinou. Foi especulação dos jornais da época.

2 - O apelido de "Prego", mais tarde, "Preguinho" foi dado por ele ter afundado na Praia do Flamengo jogado pelo Mano ou numa piscina do Fluminense, onde teria sido jogado por um treinador?

- Foi, na verdade, na Praia do Flamengo, quando tinha de 5 para 6 anos.

3 - A posição do Preguinho era centroavante ou meia-esquerda?

- A posição era meia-esquerda, mas jogava com desenvoltura como centroavante.

4 - Ele teve ou não filhos?

- Não teve filhos. Adotou um menino.

5 - Ele era adepto de alguma religião?

- Era católico não praticante...

6 - Qual era a sua predileção musical?

- Embora gostasse muito de música clássica e acompanhasse sua irmã Violeta nos recitais, ele gostava, também, de música brasileira. Era frequentador do Beco das Garrafas em Copacabana onde ficou amigo de Sílvio Caldas, Miltoninho, Helena de Lima e outros.

7 - Preguinho apreciava o carnaval ou as Escolas de Samba?

- Não costumava falar em carnaval.

8 - Ele foi funcionário concursado do IPASE, Instituto de Pensão e Aposentadoria aos Servidores do Estado?

- Foi sim. Deve ter sido nomeado naquela época não havia concurso.

9 - Sr. Argeu, o senhor teria algo escrito, um artigo, uma história, que eu pudesse transcrever em minha monografia, logicamente, citando autoria?

- Meus escritos estão na sala de troféus do Fluminense. A maioria daqueles resumos foi escrito por mim...

10 – Era verdade que ele tinha um bar preferido aqui em Laranjeiras?

- Sim, após sua aposentadoria, ele frequentava o antigo Bataclan que não existe mais foi demolido. Ficava na esquina das Ruas das Laranjeiras com Pinheiro Machado. Ele era uma pessoa muito simples e suas companhias mais assíduas no bar foram o roupeiro Cantídio e o chefe da lavanderia do Fluminense, o Olavo.

11 – Como ele se divertia após a aposentadoria?

- Além da cervejinha no bar, ele costumava jogar biriba no Fluminense com um grupo enorme de amigos. O detalhe era que o jogo valia dinheiro, mas quando ele ganhava não ficava com o dinheiro. Ou apostava tudo de novo ou distribuía com quem estava perdendo. Era realmente amador...

12 – Como vocês se conheceram?

- Meu pai era juiz de futebol e conhecia o Preguinho. Com isso, eu acabei o conhecendo e ficando seu amigo por muitos e muitos anos.

13 – Conte um fato pitoresco acontecido com ele?

- Bom, em 1955, o cunhado dele o Jorge Amaro de Freitas (casado com a Violeta), substituiu o presidente Antônio Leite para um mandato tampão e o convidou para diretor de futebol. Preguinho aceitou para ajudar o cunhado. Acontece que houve um Fla x Flu em que o Fluminense foi goleado por 6 a 1 pelo Flamengo. O cunhado presidente ficou indignado e queria multar o time por deficiência técnica. Preguinho não concordou e pediu demissão. Ficou apenas 3 semanas no cargo...

14 – O senhor tinha conhecimento das poesias e das crônicas que ele escrevia?

- Sim, ele escrevia bastante depois que parou de jogar. E eu posso te dizer que ele só mostrava para mim. Ele tinha confiança e sabia que eu não iria fazer nenhum comentário para terceiros. Eu via sempre em primeira mão os escritos do Preguinho.

15 – O senhor que o conhecia bem acha que essa sensibilidade vem de onde?

- Acho que vem de berço, dos seus pais. O pai era escritor, professor, escrevia peças, e a mãe tocava piano, tinha sensibilidade musical. Acho que isso fez com que ele se sentisse atraído pela música (tinha muitos amigos cantores e músicos) e com eles, pela boêmia de Copacabana.

16 – A morte do Mano o marcou muito?

- Sim, marcou bastante. Foi muito sofrimento para a família toda. O Preguinho ficou muito abalado, mas achou que deveria continuar em homenagem ao irmão. Até então ele apreciava mais a carreira do Mano do que a dele. A partir daquele momento ele passou a se dedicar mais ao futebol e a carreira dele deslanchou.

17 – Alguma curiosidade sobre os esportes do Preguinho?

- Bom, ele só apreciava esporte que dependesse do homem fisicamente falando. Esportes como tiro, automobilismo e hipismo, não o interessavam. Só esportes em que o personagem praticante se sobressaísse sobre máquinas, animais ou objetos.

Anexo 1.2 Entrevista com Luiz Carlos Pereira, o Luizinho, em 17/03/2016

1 – Luizinho, o Preguinho assinou mesmo o tal contrato de 1 tostão, em 1933?

- Não posso dizer com certeza, pois ele não falava sobre isso. Acho que não, pois ele não admitia receber dinheiro do Fluminense. Parece que houve um acordo entre os clubes na época e, sendo convidado, um ou outro amador podia jogar algumas partidas.

2 – Como era o Preguinho como pessoa?

- Eu só o conheci no início da década de 70 quando comecei a trabalhar no Flu. Ficamos amigos desde então. Era boa gente, pacato, fala mansa.

3 – Ele costumava falar do seu passado vitorioso como atleta?

- Não falava muito sobre o passado. Só respondia algumas perguntas de vez em quando.

4 - Qual seu cantor preferido e o tipo de música? (Para checar, consta que gostava de Sílvio Caldas e Noel Rosa e música clássica).

- Ele demonstrava gostar dos cantores antigos, da sua época. Dizia de vez em quando que tinha sido amigo de Sílvio Caldas, Noel Rosa, Jorge Goulart e Nora Ney...

5 – Quais as histórias que você conhece sobre o Preguinho?

- Aquela em que ele nadou em Botafogo e depois jogou pelo Fluminense, a tristeza pela morte do irmão, a que ele foi convocado de última hora para a seleção de 1930...

6 – Ele tinha religião? Qual? Era devoto de algum santo?

- Não falava sobre isso, mas era católico não praticante. Não falava sobre santo nenhum.

7 – Ele gostava de carnaval? Tinha preferência por alguma escola de samba?

- Nunca falou sobre carnaval e nem sobre escola de samba.

8 – Qual o bar que Preguinho frequentava próximo de casa, após a aposentadoria?

- Um que tinha ao lado do viaduto aqui ao lado (passagem para o túnel Catumbi-Laranjeiras). Esqueci o nome (Bataclan), pois não existe mais.

9 – Existe alguém da família ainda vivo? E o filho Tachinha?

- Existe um sobrinho, filho do Paulo, e me parece uma sobrinha que mora em outra cidade. O filho que dizem que era adotivo (era) e que apelidaram de Tachinha nunca mais apareceu. Dizem que mora na Bahia...

10 – Qual o último endereço do Preguinho?

- Na antiga casa dos pais, Rua Coelho Netto, 79, em Laranjeiras.

11 – Posso usar as fotos dele?

- Sim, o nosso arquivo existe para isso. Toda a história do Fluminense e do Preguinho estão aqui.

12 – Tem o contato do jornalista Argeu Affonso?

- Eu não o tenho visto ultimamente. Ele costumava frequentar o nosso restaurante. Pode ser que com o fim das obras ele reapareça e volte a usá-lo. Veja com o pessoal de lá.

Anexo 2 - Artigo

Futebol na Academia

Artigo do acadêmico Arnaldo Niskier

Rio de Janeiro, 28 de maio de 2015.

Foi uma sessão extremamente alegre e caracterizada pela fala predominante sobre a vida desportiva de alguns imortais. No dia 06 de maio, o Acadêmico Marcos Vilaça teve a delicadeza de se referir ao passado de atleta do seu confrade Arnaldo Niskier. Citou suas 56 medalhas, conquistadas como nadador e jogador de basquetebol e futebol, defendendo as cores do América e do Clube Municipal. Por este chegou ao título carioca de basquetebol da Segunda Divisão, no ano de 1957.

O tema quase incendiou o plenário. O Acadêmico e poeta Ferreira Gullar saiu da sua tradicional timidez para contar que, jovem ainda, em São Luís, participou de algumas partidas de futebol. Magro e alto, ganhou o apelido de “Periquito”. Foi uma gargalhada geral.

Outros imortais lembraram experiências similares e alguns citaram suas paixões clubísticas, o que transformou a sessão numa prova de que a casa de Machado de Assis não despreza o esporte das multidões.

Quando terminou a reunião, veio à luz o fato de que tínhamos esquecido de citar o escritor Coelho Neto, torcedor fanático do Fluminense. Se José Lins do Rego foi lembrado como torcedor apaixonado do Flamengo, por que esquecer o pai do craque Preguinho? Então, me dispus a elaborar uma efeméride para recordar (o que faria na ABL pela segunda vez) quem tinha sido Coelho Neto para o esporte carioca e brasileiro. Além, é claro, de mencionar os seus méritos de grande escritor.

Coelho Neto, filho de português com índia civilizada, nascido no Maranhão, fez vida literária no Rio de Janeiro. Foi professor de Literatura do Colégio Pedro II. Com grande colaboração na imprensa, deixou 112 obras publicadas e 50 peças teatrais. Alcançou a presidência da Academia Brasileira de Letras. Sua obra foi diversificada, o que contribuiu para a crítica dos invejosos. Escreveu romances, contos, crônicas, teatro, poesia, memórias,

conferências, antologias e livros didáticos. Segundo Afrânio Coutinho, na sua apreciada Enciclopédia de Literatura Brasileira, editada pelo MEC, em 1990, “o modernismo condenou-o como representante do passadismo, acusado de afetação, palavreado rebuscado e enfático, abuso de termos incomuns, prolixidade e helenismo.”

Era muita coisa para um só estilo, mas as críticas, com o tempo, foram atenuadas e ele teve o reconhecimento da sua obra.

Com a esposa Gabriela, teve 14 filhos e lutou muito para sustentar a família. Entrou para o quadro social do Fluminense Futebol Clube, do qual se tornou fanático torcedor. Alguns dos seus filhos defenderam as cores do clube tricolor, o mais famoso deles, **Preguinho**. Num Fla x Flu, em 1912, entrou em campo com a bengala em riste, querendo pegar o juiz, que não concordou com a defesa de uma penalidade máxima por parte do grande goleiro Marcos Carneiro de Mendonça (que começou a carreira no América F.C.) Se a turma do deixa disso, que já existia na época, não tivesse interferido, o nosso acadêmico teria acabado com o juiz, que na época era chamado de referee.

A paixão pelo Fluminense era tão grande que foi autor do seu primeiro hino, para comemorar a inauguração da terceira sede. O coração era mesmo tricolor.

UM TURBILHÃO DE LIVROS

Ficaram famosos os livros de contos (Sertão, Treva e Banzo), os romances (Turbilhão, Miragem e Inverno em flor), as memórias romanceadas (A capital federal, A conquista, Fogo fátuo e Mano), e as peças teatrais (Neve ao sol, A muralha, Quebranto e O dinheiro), entre outras. O escritor Otávio de Faria fez a defesa do cunho bem brasileiro dos trabalhos de Coelho Neto, considerando-o no “Jornal de Letras” (primeira fase) um digno representante da ficção nacional.

Ficou evidente, assim, que os modernistas, com raras exceções, cometeram diversas injustiças. A posteridade, com algum exagero, resumiu o movimento como sendo resultado de “uma rapaziada” ou, como queria Rodrigo de Melo Franco, “uma patacoada de meninos ricos”. Josué Montello, conterrâneo de Coelho Neto, foi além: “Nesse latifundiário da palavra, há um narrador e um mestre, em cujo estilo a língua portuguesa incontestavelmente se enriquece, na graça de novas melodias.” Foi considerado por Machado de Assis como “um

dos nossos primeiros escritores”, logo se engajando no movimento abolicionista e republicano, o que não o livrou de uma perseguição por parte do governo Floriano.

Coelho Neto gostava de abusar de termos raros, merecendo de Guimarães Rosa a classificação de “amoroso pastor da turbamulta das palavras”. A imaginação era fértil e indisciplinada. No seu acervo, contabilizam-se em 40 anos cerca de oito mil crônicas, de início fugindo do cotidiano (o que lhe valeu críticas contundentes), mas aos poucos foi dominando o estilo, como se pode verificar até mesmo na exaltação de amigos, o maior dos quais, Rui Barbosa. Há críticas à sociedade da época, mas também referências competentes às conquistas da ciência, as quais não escaparam da sua argúcia.

Criticava-se em Coelho Neto o gosto por termos incomuns. Podemos dar exemplos, recolhidos do livro sobre as suas melhores crônicas, selecionadas por Ubiratan Machado (Global Editora, SP, 2009). Com tais vocábulos ele intrigava os seus leitores:

“Vamos aprender a dar murros – é esporte elegante, porque a gente precisa de luvas, rende dólares e chama-se boxe, nome inglês. Capoeira é coisa de galinha, que o digam os que dele saem com galos empoleirados no alto da sinagoga.” (O nosso jogo, 1928).

Mesmo com a admiração por várias modalidades esportivas, preferia os esportes com contato direto com a natureza, praticados em espaços abertos. Por isso defendia o futebol, praticado a céu aberto, fonte de energia e regeneração da raça brasileira, deixando para trás nossa herança colonial. Para Coelho Neto, o futebol colocava os interesses pessoais abaixo dos coletivos, controlando os impulsos “naturais” e adestrando o homem através da disciplina, valores cívicos e morais fundamentais para a construção de uma nova nação.

Contrário ao profissionalismo, via os jogadores que atuavam por dinheiro como “mercenários, que não se aliam aos clubes por amor ao seu pavilhão, senão pelo interesse que deles possam auferir”. O clube, para ele, deveria ser como uma “pequena Pátria” onde o atleta “se dedica e se sacrifica com coração livre de outro qualquer interesse que não seja o da glória”.

PODER TRANSFORMADOR DO ESPORTE

Na verdade, Coelho Neto era um aficionado do futebol, sendo responsável pela construção de uma série de valores simbólicos e tradições que associaram o esporte como um espaço de distinção e refinamento. Amante de vários esportes, acreditava que eles eram fundamentais para o desenvolvimento do cidadão e para a afirmação nacional, não só nos aspectos físicos,

mas no revigoramento moral, contribuindo para a formação de um indivíduo virtuoso e de boa índole. O futebol seria, para ele, um esporte moderno e promotor de um tipo de civilização adaptado aos modelos idealizados pela Europa, capaz de levar ao aperfeiçoamento físico e cívico do indivíduo.

Coelho Netto é herdeiro da geração de 1870, caracterizada pelo seu espírito científico e militante que acreditava no poder transformador das ideias científicas e da educação para se conquistar uma sociedade baseada na evolução e no progresso.

Escreveu sobre o esporte bretão uma série inesquecível de grandes crônicas, o que o levou a uma profunda inimizade com o escritor carioca Lima Barreto. Dado curioso: na época, membro da aristocracia fluminense, Coelho Netto considerava o futebol um esporte nobre e educativo (achava os jogadores heróis e semideuses e adorava a rivalidade das torcidas), enquanto Lima Barreto, autor do clássico *O triste fim de Policarpo Quaresma*, homem do povo, detestava o futebol, por ele considerado “uma regressão à barbárie”.

Em suas incontáveis palestras, discursos e conferências feitas em favor do esporte, Coelho Netto buscou inspiração na antiguidade clássica. Enamorando-se do espírito grego como berço da civilização e da sabedoria, enaltecia os heróis do Olimpo, associando a cultura à eugenia, ensinando que o espírito e o corpo devem crescer juntos em harmonia. O periódico *Vida esportiva* referia-se a ele como “um intermediário entre as letras e o esporte. Cultiva as letras ao lado do esporte, cultiva o esporte dando letra”.

Ao assistir a jogos do Fluminense com mais de 30 mil pessoas, fez uma relação entre o futebol, uma espécie de festa agonística e as olimpíadas helênicas, verdadeiros certames pela paz, um combate harmonioso capaz de unir a todos em um ideal de revigoramento cívico. Um esporte civilizatório:

“Acudindo ao reclamo deixam os seus lares sorrindo e ei-los em marcha, ao som de hinos para combate harmonioso, cujo prêmio é uma taça e de prata. E assim, pouco a pouco, ir-se-ão estreitando os laços de amizade, travando-se a indissociável aliança não superficialmente, pelo contato das folhas, mas pelo convívio das próprias raízes. Esses sim são os embaixadores do povo, que trazem entusiasmo. Essa centelha que se transmite de alma, fazendo-as vibrar alegres, explodir em aclamações.”

Sua atuação em favor da atividade esportiva o levou a receber diversas homenagens. Foi sócio e membro honorário de diversos clubes, como o Clube de Regatas Guanabara, Clube de Natação e Regatas, Clube de Regatas Vasco da Gama, Club Internacional de Regatas, Clube de Regatas Boqueirão do Passeio, Clube de Buenos Aires, Palestra Itália Foot-ball Club de São Paulo. Nestes e em outros clubes era tratado como “expoente máximo de nossa cultura esportiva”, “maior conquista do Foot-Ball brasileiro”, constantemente requisitado para participar de eventos em clubes de todas as origens sociais, chegando a ser criado um clube com o seu nome “Coelho Netto A C”. Com tantas homenagens, o escritor tornou-se uma referência para aqueles que defendiam o esporte como forma de regeneração social, “preparando gerações futuras sadias e viris”.

Anexo 3.1 Poema

Verbo Amar

Autor João Coelho Netto (Preguinho).

Encontrei um dia o verbo amar,
Na gramática simples do coração,
Comecei alegre a estudar
E o achei de fácil conjugação.

Principia apenas com uma pessoa,
E sua forma “Eu amo” inicial,
“Tu amas” é harmonia, e como soa
“Nós amamos” – é o início do plural.

Três pessoas, eu não posso esquecer
Da professora que no colégio me ensinava
Mas só fui por completo entender
Com uma menina que comigo conjugava.

Amar é verbo diferente
Que se decora, mas que só se aprende depois
Envolve o mundo de toda a gente,
Mas para conjugá-lo bastam apenas dois.

Anexo 3.2 Conto

O riso e a lágrima

Autor João Coelho Netto, (Preguinho).

Certo dia encontraram-se o riso e a lágrima. Dizia a segunda ao primeiro:

- Tu és a nuvem, o presságio da tempestade.

- Por quê? Perguntou o riso.

- Por que ao passares, tudo fica sombrio, os pássaros deixam os seus gorjeios e o silêncio se torna soturno.

- Eu não! Sou o sol que irradia, sou a luz e a vida, em mim está o reflexo da mocidade; sou o riso. As minhas reações são espontâneas, sou o espelho da felicidade. Em torno de mim ouve-se a sinfonia da juventude; e tu?

- Sou a lágrima mística.

- Mística? Duvidou o riso.

- Sim. Por que dentro de mim há vários sentimentos ocultos, a lágrima nem sempre significa tristeza; sou mais espontânea, sou o presente e o passado, choro, é verdade, porque sei sofrer com a humanidade. Tu és indiferente, a tua alegria é constante, sem critérios, sem separar o joio do trigo. Tu és nervoso, sintoma de psicose, de loucura. Quando se perde um ente querido, que nos despertou grande afeto, qual o sentimento que se revela, é o riso? Não, é a lágrima; quando se vence uma grande causa, após anos de luta, a primeira reação é a lágrima, que é o riso do coração.

De repente, ouvem-se passos, quem seria? O caminhante tinha o olhar perdido, fixava hora o céu, hora a terra.

- Como te chamas? Perguntou o riso.

- Reúno o riso e a lágrima, sou o principal elemento de ambas, a velhice tem em mim a sua resistência, através de mim a lágrima se manifesta, de mim tira a energia para suas alegrias. Sou o substrato fiel do passado, sou o álbum de retratos da família, cujas páginas formam o passado de cada um, sou o retrato da imaginação. É importante lembrar que o riso de hoje é a lágrima de amanhã, enquanto eu permaneço eterna; qual o meu nome? Sou a saudade, sentimento de amor sempre presente, imagem dos tempos idos, esperança de um futuro semelhante àquele passado que vivemos de felicidade.

Anexo 4.1 Primeiro Hino

Hino composto por Henrique Maximiano Coelho Netto.

O fluminense é um crisol
Onde apuramos energia
Ao pleno ar, ao claro sol
Lutando em justas de alegria
O nosso esforço se congraça
Em torno do ideal viril
De avigorar a nova raça
Do nosso Brasil!

Corrige o corpo como artista
Vida imprime à estátua augusta
Faz da argila uma robusta
Peça de aço onde a alma assista.
Na arena como na vida
Do forte é sempre a vitória.
Do estádio foi que a Grécia acometida
Irrompeu para a glória!

Ninguém no clube se pertence;
A glória aqui não é pessoal:
Quem vence em campo é o fluminense
Que é, como a pátria, um ser ideal.
Assim nas justas se congraça
Em torno de um ideal viril
A gente moça, a nova raça
Do nosso Brasil!

Adestra a força e doma o impulso,
Triunfa, mas sem alardo,
O herói é bravo, mas galhardo
Tão forte d'alma que de pulso,
A força esplende em saúde
E abre o peito à bondade.
A força é a expressão viva da virtude
E garbo da mocidade.

Anexo 4.2 Hino Oficial

Hino Oficial do Fluminense

Letra e música de Antônio Menezes Filho

Companheiros de luta e de glória
Na peleja incruenta e de paz
Disputamos no campo a vitória
Do mais forte, mais destro e sagaz!

Nossas liças de atletas são mansas
Como as querem os tempos de agora
Ressuscitam heroicas lembranças
Dos olímpicos jogos de outrora

Não nos cega o furor da batalha
Nem nos fere o rival, se é mais forte!
Nossas bolas são nossa metralha
Um bom gol, nosso tiro de morte

Fluminense, avante, ao combate
Nosso nome cerquemos de glória
Já se ouve tocar a rebate
Disputemos no campo a vitória.

Anexo 4.3 Hino Popular

Hino Popular do Fluminense

Autor: Lamartine Babo e Lyrio Panicali.

Sou tricolor de coração.
Sou do clube tantas vezes campeão.
Fascina pela sua disciplina,
O Fluminense me domina.
Eu tenho amor ao tricolor!
Salve o querido pavilhão,
Das três cores que traduzem tradição:
A paz, a esperança e o vigor.
Unido e forte pelo esporte,
Eu sou é tricolor!

Vence o Fluminense
Com o verde da esperança,
Pois quem espera sempre alcança.
Clube que orgulha o Brasil,
Retumbante de glórias e vitórias mil!

Vence o Fluminense
Com o sangue do encarnado,
Com calor e com vigor.
Faz a torcida querida
Vibrar de emoção o tricampeão!

Vence o Fluminense,
Usando a fidalguia.
Branco é paz e harmonia.

Brilha com o sol da manhã,
Qual luz de um refletor.
Salve o Tricolor!!!

Anexo 4.4 Hino do Curupaity

Hino do Curupaity

Autor: Aarão

Glória, glória, aleluia

Curupaity é campeão

Mano, George, Floriano

Adriano, Cadinho e Alcino

Adriano extrema-esquerda

E o menino de ouro center forward

Raul Ferreira

Segundo time batuta

Estamos bem arranjados

Todos jogam de pagode

É um jogo combinado

Ainda temos o campo

É uma coisa que não nego

É preciso ser expulso

O molequinho João Prego

Anexo 5 - Reportagem do jornal O Globo, de 1933, com Preguinho.

